

Sul

REVISTA DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA



9

LAPA — óleo de
Iberê Camargo

Noturno dentro de mim mesma

Eglê Malheiros

O abismo
E a fascinação do abismo
De meu "ego"
Olhar para dentro
Ver-me repetida
Deformada
Diferente
Em mil pequenas idéias
Em um milhão de desejos

Agarrar-me a amurada
De meu ser exterior
E debruçar-me naquilo que sou
Escavação científica
Rude, pesquisante
Buscando-me
Tentando ver
Sem os espêlhos anamórficos das convenções

Ouvir a balada de solidão
Que vibra dentro de mim
E soltar ódio e amor
Em sarabanda cruel
No bate que bate do "tan-tan" da vida
Deixar que meneim, se requebren e dansem
Sonhos e sombras que há em mim

Perceber os passos tênues da esperança
Sofrer no egoísmo dos incompreendidos
Meu carinho solitário
O medo de ser importuna
A tristeza de um gesto de amor
Que, sem querer quem sabe, não foi percebido

Procurar-me
Contemplar-me
Para ver se dentro de mim
Existe ao menos
Alguma coisa que não me deixe só

Ouvir, viver, sonhar
O meu noturno ego sonoro
Tentando escutar tua voz

Abril-1949

TEATRO EXPERIMENTAL EM NEW YORK

Richard M. Morse (Especial para "SUL")

(Tradução de Archibaldo Cabral Neves)

A finalidade deste breve artigo, não é a de discutir o teatro comercial Norte Americano, que progride na mundialmente famosa Broadway. Um dos motivos, é que isto já é tão largamente conceituado como um aspecto da nossa vida cultural, a outra razão é que a Broadway nunca representou uma tradição viva do teatro. Os frequentadores da Broadway são como uma classe imutável, assistem peças para satisfazer suas emoções mais grosseiras. Para eles o teatro é uma emoção catártica, e não uma arte média, complexa e desenvolvida. Esta situação frustra e deforma os apreciáveis talentos de um O'Neill, e aumenta para uma proeminência injusta, as obras triviais de escritores como Robert Sherwood, Maxwell Anderson, Tennessee Williams e Arthur Miller. Se o nosso teatro pode esperar por um futuro mais promissor, esta esperança repousa nos pequenos e sinceros grupos experimentais, cujos modelos não são ditados por motivos puramente financeiros. Tais grupos, existem em cidades, vilas e universidades de todo o país; para ser breve, entretanto, limitar-me-ei em considerar apenas aqueles que se encontram na cidade de New York.

Por não estar nenhuma dessas pequenas instituições New Yorkinas localizada na Broadway, são chamadas os "off-Broadway theatres". Eles se especializam em peças estranhas importantes, que não são atraentes aos teatros comerciais, e em peças de novos escritores Norte-Americanos.

Eles não apenas proporcionam trabalho a muitos atores e técnicos, mas, dá-lhes uma oportunidade de tentar novas técnicas. Em Fevereiro passado, por exemplo, vi uma peça baseada num conto de Maupassant. O público estava sentado em volta dos três lados do palco, que queria representar um quarto num lar francês. Os produtores quiseram escapar a bifurcação convencional entre o auditório e os atores, e conseguiram dar aos espectadores a impressão que eles estavam escutando ali, a conversação íntima de uma família francesa. Para realizar isto, desenhos de arame esboçadamente feitos, foram erigidos nos três lados expostos do palco. Esses desenhos significavam lareiras, quadros, janelas, etc., e criaram para o auditório uma ilusão de estar olhando através das paredes.

Um outro grupo, chamado "New Stages" é uma aventura cooperativista, na qual todos os membros (atores e técnicos) tem uma parte. Entre as suas produções da última temporada estavam *The Victors*, de Sartre e *Bodas de Sangre*, de Garcia Lorca. A última foi particularmente interessante. A tradução inglesa reteve muito dos valores poéticos, enquanto um engenhoso uso de perspectiva tomado no palco, sugestionou a árida e estéril expansão de um planalto Espanhol. A difícil cena na floresta foi efetivamente encenada, manipulando-se luzes contra um plano inferior do pano de fundo.

Outra peça de Lorca, *La Zapatera Prodigiosa*, foi produzida muito recentemente por um grupo que se intitula "Studio 7". Esta peça foi menos bem sucedida que "Bodas" e foi difícil para os atores, alcançar a delicada e simbólica peculiaridade da fantasia hispânica intentada pelo autor. Esta mesma companhia, deu, também, duas peças de Strindberg, o que é muito a propósito, pois este ano marca o centenário do nascimento daquele grande dramaturgo sueco.

No mesmo edifício em que se encontra Carnegie Hall, o mais famoso auditório de concerto dos Estados Unidos, há um pequeno teatro usado pelos "Interplayers". Suas seis produções do ano passado representaram uma passagem através do teatro contemporâneo de avant-garde: *The Infernal Machine* de Cocteau; *Within the Gates* e

The Silver Tassie de Sean O'Casey; *him, de e. e. cumings* (poeta lírico Norte Americano cujas inovações cheias de recurso vão até ao modo de como ele escreve seu nome); *The dog beneath the Skin*, de W. H. Auden e Christopher Isherwood (uma sátira viva e fábula dos tempos, construída com melodrama, simbolismo, coros gregos, e, com a música experimental moderna e a música popular burguesa); e *Out of the Picture* do escritor britânico Louis MacNiece.

A lista completa dos recentes espetáculos fora da Broadway são muitos numerosos para serem descritos. Basta mencionar alguns dos mais notáveis. *Billy Budd*, uma novela de grande escritor do século XIX, Herman Melville, foi dramatizada e ganhou larga aclamação. *Yes is for a Very Young Man* de Gertrude Stein, cujas experiências no uso da linguagem assim, influenciaram James Joyce e Ernest Hemingway; teve premiação em New York; a peça com simples repetições e ritmos, recriou a esquecida estrutura humana da vida familiar na França ocupada pelos alemães. Outra produção recente foi *Murder in the Cathedral*, a peça religiosa do mais famoso poeta, crítico e teatrólogo Anglo-Americano, T. S. Eliot; a qual foi representada por estudantes da universidade e; não foi necessário cenários, pois ela foi apropriadamente representada dentro duma igreja. Berthold Brecht e o poeta William Carlos Williams foram produzidos. E, como adicional interesse social, alguns meses atrás, foi desempenho de *Riders to the Sea* o poderoso drama de John M. Synge (o Garcia Lorca da Irlanda).

Todas as companhias mencionadas acima devem lutar com facilidades limitadas; palcos e auditórios pequenos, falta de equipamento técnico, etc. Um ator que a noite representa, muitas vezes durante o dia ajuda a vender bilhetes, dá ensaios, dá aulas e, até varrer assoalhos. Além disso, as produções não são sempre um sucesso artisticamente. Nenhum Teatro Experimental pode esperar ser perfeito em cada experiência. Mas a coisa importante é que cada grupo é uma aventura cooperativista, motivada por dignos ideais. Cada um proporciona oportunidades para estudantes e veteranos de guerra, bem como para atores temporariamente sem emprego nos grandes teatros comerciais. Por um preço de admissão relativamente baixo, é agora possível, para o frequentador de teatro, ver importantes dramas contemporâneos. Como este público apoia, a produção fora da Broadway torna-se mais forte e, talvez o teatro Norte Americano encontre sua origem. Talvez então, o seu padrão torne-se aquele de integridade artística, e não apenas o do êxito financeiro.

Termo essas observações, com uma referência ao que parece ser o mais talentoso grupo de todos, se se julgar pelo desempenho total, coreografia, canto, etc. Refiro-me ao "Lemonade Opera", que deriva o seu nome do fato de que os patronos saem durante os intervalos para beber limonada. Eles produzem óperas de real valor (em competentes traduções e cantadas em inglês) que não se encontram frequentemente nos repertórios das grandes companhias de Operas — tais as peças como *Don Giovanni*, de Mozart, *The Duenna*, de Prokofieff e *Les Mamelles de Tirésias*, de Francis Poulenc. O Solo Acompanhamento é executado por dois pianos. Este ano duas notáveis premiadas foram oferecidas. Uma foi a deleitável *Il Mondo della Luna*, de Haydn, nunca dantes apresentada neste país. A outra foi *Down in the Valley* de Kurt Weill, baseada na música nativa do povo Norte Americano. Estes concertos dos compositores dos dias presentes, com a música tradicional do povo, é por certo comum em todas as Américas. Ela indica, em parte, a contribuição do nosso hemisfério para a herança musical do mundo.

EXPEDIENTE

SUL

REVISTA DO CÍRCULO
DE

ARTE MODERNA
Caixa Postal, 384
Florianópolis, S. C.
Brasil

CONSELHO DE
DIREÇÃO:

Sálvio de Oliveira
Eglé Malheiros
Ody Fraga e Silva
Anibal Nunes Pires

SECRETARIO:

Salim Miguel

GERENTE:

Armando S. Carreirão

Colaboração técnica:
Doralécio Soares

CORPO DE REDAÇÃO:

Margot Ganzo
Antônio Paladino
Archibaldo C. Neves
Elio Balstaedt
Fúlvio Luiz Vieira
Pedro Taulois
Walmor C. Silva

REPRESENTANTES:

Rio — Hamilton V.

Ferreira

P. Alegre — Odílio
Malheiros Jor.

SUL acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, especialmente dos jovens, se reservando porém o direito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos, ficam na redação.

Todos os artigos são assinados e decorrem as responsabilidades de seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contato e permuta com outras publicações.

ASSINATURA POR DOZE

NÚMEROS: Cr\$ 24,00

PREÇO POR EXEMPLAR:

Cr\$ 2,00

As assinaturas podem ser pedidas diretamente à direção, por vale postal ou carta registrada com valor declarado.

"SUL" NO EXTERIOR

Buenos Aires — ARGENTINA

O jornal «CLARIN», de Buenos Aires, em seu número 1341, de domingo, de 19 de junho de 1949, registra o recebimento do número 6 de «SUL», com as seguintes expressões:

"S U L"

«El número 6 de esta revista del Círculo de Arte Moderna— que aparece en Florianópolis, Santa Catarina (Brasil), bajo la dirección de Anibal Nunes Pires y Hamilton V. Ferreira— trae, además de cuentos, teatro sintético, poesía vanguardista y notas de actualidad, una extensa noticia sobre la Exposición de Pintura Contemporánea que Marques Rebelo está poseando por Brasil, consistente en selenta y cuatro telas de artistas de una docena de países, incluso el nuestro, representado por Peforuti. Incluye también cinco reproducciones de paisajes catarinenses de Jorge Larco.

«SUL» es una de las veintefres revistas de grupos que han aparecido últimamente en Brasil, dirigidas por jóvenes que intentan revolucionar el arte y literatura, reaccionando contra cánones fijados por la costumbre y por los academicistas y pasadistas.»

Zurich — SUIÇA

O jornal da Suíça «DIE TAT» (Zurich) no número do dia 25 de julho de 1949, publicou a seguinte nota sobre as atividades da revista «SUL» e do grupo do C. A. M. Aqui transcrevemos o tópico do grande vespertino suíço:

«In Florianópolis (Santa Catarina) erscheint die gute Zeitschrift «Sul» (Süden) geleitet von einer Gruppe, an deren Spitze Anibal Nunes Pires und Hamilton V. Ferreira stehen. Vor wenigen Monaten fand unter dem Patronat des «Sul» eine Ausstellung moderner Kunst statt. Europa und Amerika reichten sich symbolisch die Hände, in den Gemälden aus Deutschland (Kubin und Müller Hartmann) Argentinien, Oesterreich, Chile, Spanien, Frankreich, Ungarn, Portugal, England, Tschechoslowakei, Rubland (Flüchlinge!) und Brasilien. Es war ein Tat, und ihre Wirkung dürfte nicht so leicht verhallen. Die Gruppe «Sul» studier nun im Rahmen des Experimentaltheaters Shakespeare ein.

Bühnendichtungen aus Amerika und Europa werden folgen. Ein Gegenstück des «Sul» ist der «Joaquim», eine rein brasilianische Figur.»

De MANOEL PINTO—ALGAVE—FARO—
PORTUGAL—17-3-49.

Recebi o nº 6 de "SUL", presumo que por indicação de Marques Rebelo.

Li tudo com muito interesse e, de um modo geral, gostei apertencido-me com franqueza conhecer os outros números cujo custo enviarei logo que me seja indicado. O fim a publicação se propoem,—o de sobretudo contribuir para a renovação da literatura e da arte da cultura geral—é merecedor, sem duvida, dos maiores aplausos. Realmente, por esse mundo a fora, a grande maioria persiste em manter-se fiel a formas de expressão artística e cultural que deixaram, por superadas de corresponder ao surto de novas realidades e portanto, se esvaziaram e envelheceram pouco ou nada dizendo ou comunicando. Desempenharam galharda e honradamente seu papel mas por isso mesmo, mercê da usura se consumiram e gastaram como tudo neste mundo vario e mutável, feliz ou infelizmete não importa. As cousas são o que são e não aquilo que nos gostaríamos que elas fossem. De modo que exatamente por meio de órgãos como "SUL", é que as consciências novas poderão combater e vencer a impermeabilidade e incompreensão dessa grande maioria.

CAMUS

Por Hamilton V. Ferreira

Esteve no Brasil, o escritor francês Albert Camus, que veio inaugurar o ciclo das grandes conferências patrocinadas pelo Ministério da Educação.

Em sua primeira conferência, realizada a 20 de julho, o autor de "La Peste" abordou diretamente o problema Europeu do momento, o que ele chama a "doença europeia".

Sendo, quasi sozinho, toda uma frente literária francesa, Camus é para nós duplamente interessante: literariamente, apesar de ainda jovem, é personalidade obrigatória especialmente para os "novos" e, ideologicamente, representa uma atitude que, si não é original, é bem difícil de ser registrada nesta época de avassalamento do homem.

A mensagem de Camus, que dirigiu aos brasileiros na sua primeira palestra, não é uma esperança futura em nome da qual tudo seja sacrificado, nem uma desolação em face do mundo. Não segue caminhos de requintado deshumanismo para atingir o homem, procura ir diretamente a ele, no seu presente, na sua vida trágica dos tempos que correm, na sua verdade encoberta pela mentira conciente e inconciente. Desmascarando a alienação dos verdadeiros valores da vida em favor das idéias quiméricas e irrealizáveis, descreve a doença da Europa e, conseqüentemente, a doença do mundo, uma crise de vida e de verdade, um sacrifício total a um mundo de sombras.

Suas bases principais em que fundamenta a crítica da Europa de hoje, são extraídas diretamente das condições em que vivem as atuais gerações da Europa, desde a guerra de 1914.

A revolta é, nessas gerações, atitude permanente de vida: nada mais conheceram senão a guerra e a insegurança, nada mais fazem senão a revolta. Caidas no nihiplismo, a revolta é feita pela revolta, posto que em nada acreditam. Entregam-se ao processo sem terem uma finalidade objetiva para este mesmo processo. Desagregada a realidade, os homens passaram a viver de abstrações, de idéias que se constroem para si mesmos, para a vida, e em torno das quais giram irredutivelmente, não podendo se libertar dos ciclos fantásticos: os homens se imolam diante das silhuetas que criaram. A eficácia é erigida em finalidade universal, a eficácia nos negócios, na política, no pensamento. A vontade de triunfo, de vasto triunfo embora, ainda de raízes nietzscheanas, impregna todos os corações envenenando e deturpando a solidariedade, o amor a própria vida. O que importa é ser eficaz, mesmo que atingidas as situações buscadas seja urgente encontrar outras desculpas ideológicas para não interromper o processo. Os homens não sabem mais viver simplesmente. Nesse movimento angustiante nem o heroísmo é verdadeiro, pois que se transforma na mais dolorosa irrisão

uma vez que é falsamente inspirado. Não basta a coragem heróica de tudo sacrificar pela idéia, é preciso que a idéia seja verdadeira e humana. E não é verdadeira nem humana a idéia que exige a morte e a negação.

A obsessão político-partidária ou doutrinária é bem característica dessa situação, porque as ideologias e doutrinas fornecem o material inesgotável onde se possam refugiar os espíritos que não podem encontrar em si mesmo, e na simples ordem das coisas, material em que se firmarem. Tudo se procura resolver pela política, esquecendo-se que ao político cabe unicamente administrar e que o absoluto é tarefa e sofrimento de cada um. A cura do homem só se pode dar pela renúncia aos processos que o arrastam, o homem deve fazer a história e não deixar-se ser levado por ela. Armado só com sua verdade, renunciando à dominação deve o homem voltar para si mesmo, não se esquecendo que toda ação de transcendência da vida resulta em angústia si os valores dessa ação não forem os valores reais da própria vida. As solidariedade e o amor, somente, guiarão esse redescobrimento e essa prática do homem real, e esse deve ser o comportamento dos "homens de boa vontade".

Procura assim, o escritor Camus, colocar-se nitidamente ao lado dos que procuram uma terceira posição, uma atitude e uma prática de vida que supere os modos de viver do presente. E essa prática deve ser imediata, não voltada irremediável e permanentemente para o futuro.

A parte constitutiva do pensamento de Camus, as coisas em que acredita, foram expostas no belo trabalho que Murilo Mendes publicou em "Letras e Artes" do dia 7 de agosto.

Na palestra a que nos referimos o escritor preferiu focalizar as coisas em que não acredita e que devem ser destruídas pelos homens de boa vontade.

É a este que cabe levantar o "estado de sítio", desde que existe, porem, a humanidade anuncia e espera pelos homens de boa vontade. Eles existem hoje talvez mais numerosos e mais concientes do que nunca mas não cremos que seja ainda desta vez que salvarão alguma coisa na ordem política do mundo porque não poderão triunfar sobre as poderosas organizações empenhadas na luta. E é essencial para a terceira posição não se organizar, não criar o mito dos escolhidos.

É entretanto unicamente nas bases em que Camus coloca a questão que se poderá realizar o Homem. Amor e solidariedade internacional, valorização das verdades da vida e rompimento com os processos mágicos. Vitória dos homens de boa vontade, tão difícil e tão esperada.

Rio, agosto de 1949

A ESTRELA SOBE. Marques Rebêlo.

Edição Cruzeiro — 1949

As edições Cruzeiro publicaram mais um volume das obras completas de Marques Rebêlo "A Estrela Sobe".



O A. é considerado um dos maiores romancistas brasileiros e esta é sua Obra prima. O livro foi distribuído também pelo Círculo Literário e a crítica se tem manifestado com o mesmo entusiasmo quando do lançamento do livro em 1939.

SANTA ROSA

Deste número em diante começa a colaborar conosco, o artista Santa Rosa, que é reconhecida um dos nossos maiores valores. Tanto nas artes plásticas e também como crítico dos mais seguros. Santa Rosa tem se destacado pelo auxílio que sempre dá às manifestações dos novos. Não ha revista ou movimento de Arte no Brasil, que ele não tenha ajudado com suas opiniões e trabalhos. Para nós o Hamilton nossa ligação no Rio, nos conta que além de trabalhos, ilustrações, etc., Santa Rosa promete para breve uma boa entrevista. Aguardemos...

Os nossos agradecimentos ao Santa Rosa pela colaboração, e a desculpa por esta nota feita às pressas.

DOIS POEMAS

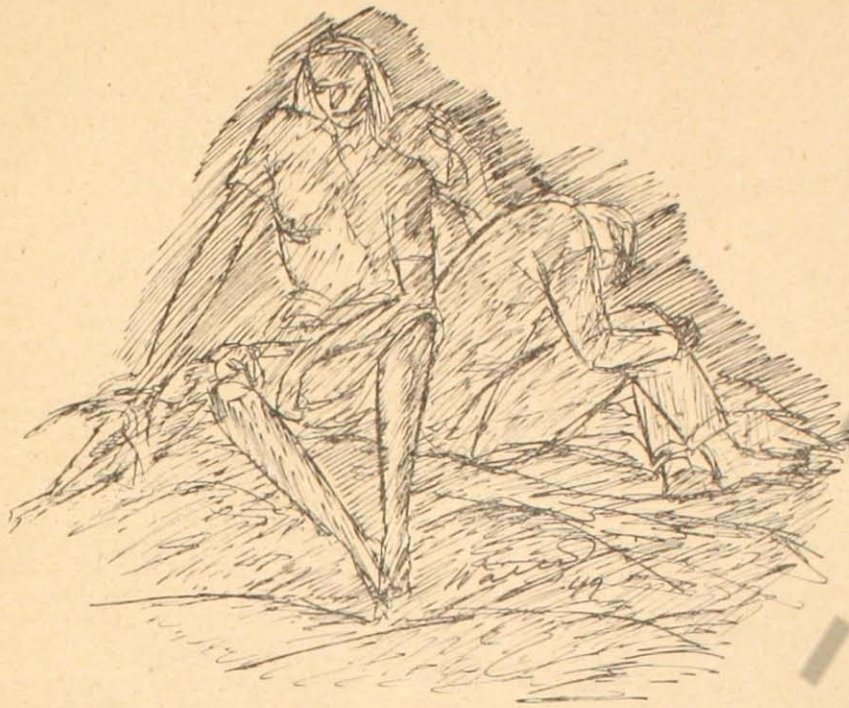
Walmor Cardoso da Silva

HISTÓRIA

Revolta

Lindamente ao sol
Os grupos satisfeitos

Mortos



GENTE

composição de Walter Wendhausen

ROUBO DE UMA NOITE

O mundo parou por um instante
Para eu pensar,
Numa noite que não me pertencia.
Todos os meus sentimentos,
Minhas emoções,
Vagavam muito longe.
Noite que não era minha,
Não me pertencia,
Roubei-a
Às ilusões
Aos sonhos distantes
Que viviam muito longe . . .
Despreocupados,
Roubei uma noite que não era minha
Com uma lua,
Uma solidão
E pensei.
Pecorri todos o silêncio noturno
De vagar.
Não era aquela a que eu queria
Corri a devovê-la . . . Porém
Assustei a estrêlas
Que fugiram . . .
Roubei uma noite que não era minha!



Composição de A. KUBIN

Canto em Surdina

Conto de ANTONIO PALADINO

O olhar fixa, agora, qualquer coisa ali perto. Sob a luz de um poste, uma mulher com o seio esquerdo a meio de fora, faz sinais obscenos para ele; pisca e sorri: "Anda! Vem! Vê se me pegas..." E continua sorrindo, olhares insinuantes e descarados. Levanta a saia e mostra uma parte das coxas. Depois, sai correndo, corre, também, atrás dela. Carlos segura-lhe o pulso.

— Que é isto, Alvaro? onde vais?

— Não viste? Ia pegá-la e ela fugiu...

Rua noventa, a que eles percorrem. Nesse instante, é que perceberam onde estão caminhando...

— Essas mulheres não prestam, Alvaro. Em muitas outras partes, existem muitas outras, melhores.

— Entretanto, esta me exitou. Foi assim de repente, não compreendo...

Idéias rodopiando, perdidas, longe. Passos indo, indo... Alvaro sente que já não está tão seguro quanto antes. Certeza de que alguma coisa está morta, agora; não volta para casa com ele. Olha as portas e tem vontade de caminhar para elas, entrar sem ninguém ver; não vir embora, nunca mais...

— Como eu ia te dizendo, Alvaro...

Olha o amigo no rosto; sente um certo aborrecimento, enjoo. As palavras veem irrequietas, baixas, desagradáveis, causando um certo mal estar; uma certa dissonância interior que faz doer muito, não sabe explicar como...

— Amanhã... daqui há alguns anos...

Por que amanhã? Não podia ser outra palavra! Tem medo dessa. Palavra indecisa, problemática, tão cheia de pontos de interrogação! Faz lembrar tantas coisas...

— ... espero estar em Londres ou Paris... Tristeza... esperar, esperar sempre, sabendo que o esperar não lhe promete grande coisa. Fechar os olhos e experimentar a sensação de que o amanhã está agora a sua frente, assim como certa professora bonita que tivera... Ouvir a sua voz encolerizada, nervosa, censurando-lhe, só porque um dia, na aula, ele olhou muito atento para suas pernas...

— E tu... quais são teus planos, Alvaro?

Planos? Por que perguntar isto agora? Onde estão aqueles que existiram anteriormente? Fugiram todos? são como certas mulheres frias, pervertidas que exitam bastante e depois fogem, deixando um vácuo na sua ausencia.

— Então... tens planos, Alvaro?

— Mulheres.

O amigo olha silencioso para ele, serio, meditativo.

— Não compreendo, Alvaro.

Sentir que essas mulheres, de vez em quando, nas horas de desalento que acontecem quasi sempre nas intermináveis noites de insonia, cres-

cem devagarinho, se avolumam e se tornam imensas. Ver depois, então, com um não sei que de frustração incômoda e inquietante, uma sombra perdida; uma silhueta difusa, esbatendo-se, sufocando, no meio delas, rolando, rolando, a cair num vazio sem fim, enquanto elas, as mulheres, abraçam todas, uma o ombro da outra constituindo uma muralha enorme, impossível de ser escalada.

— Ouviste, Alvaro? será trovoadas?

E que poderia encontrar depois, se todas essas mulheres desaparecessem? Quem sabe lá, o fim da sua ansia; um chão firme em que pudesse pisar com mais firmeza. Não haveria então essa sua timidez, essa falta de confiança em si próprio e nos outros. Conseguiria, afinal, dirigir-se aos queo cercam, em um tom de voz mais resoluto; em um timbre mais seguro que tracia em suas nuancas qualquer coisa que prendesse e agasalhasse.

— Já viste como está relampejando, Alvaro?

— ? ? ? ?

— Sabes, faz-me bem esse reboar das trovoadas...

Extranho! Palavras que soam quasi como se fossem suas; que dizem justamente o que gostaria de dizer; que veem assim de longe, muito de longe. Voz de Carlos. Carlos está falando com ele; parece um tanto irritado, gesticula, olha firme nos olhos com um ar extranho; um piscar e franzir de sobrancelhas que ele não entende bem. Sensação de que está sendo despertado de um sono profundo; que a consciência mergulha, agora, naquele claro-escuro que precede o despertar antes da realidade final.

— Alvaro, vou-me embora. Olha só, vai...

Voz forte, alta demais. Carlos gritou com ele; parece estar muito zangado; está rouco até.

— Vai o que Carlos?

— Chover... Estas vendo? Já está pingando...

Chover agora? Será mesmo! Chuva, levinha, levinha, tão fresca, macia... Não faz mal, não. Será bom, até. Olha o espaço e ve relampagos irrequietos a coriscar a leste; a tonalidade embaciada que as luzes da rua vão tomando. Deliciosa monotonia que vem vindo, vindo... a chuva que cai, que vai ficando mais forte, agora; que ensopa tudo, que atravessa o corpo, parece antigir o sub-consciente... Sentir-lhe os pingos grossos, fustigando o rosto; escorrer por ele descer até o queixo, pingar no chão como lágrimas de tamanho anormal, borbotantes, que vem lá do fundo, libertando com elas, todos esses recalques que pesam tanto, tanto... Já não ouve a voz de Carlos. Não o vê mais. Se meteu em alguma casa, talvez... Ir assim, mais leve, silencioso... Vontade subita que vem, agora: Queria que o tempo parasse, parasse de repente, para não ver perder-se depois, a extranha sensação de volúpia que está sentindo assim, inesperadamente...

O Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna

Os "catorze" do C. A. M. -- Na caixa do palco. -- Vespera de estréia. -- CANDIDA, de G. B. Shaw, no Teatro Alvaro de Carvalho. -- Um diretor... um cenógrafo... uns intérpretes... -- Representação sem "ponto" e sem bilheteria. -- Espetáculo de caráter cultural, patrocinado pela Secretaria da Educação

SÁLVIO DE OLIVEIRA

Nasceu como nascem tôdas as boas iniciativas do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, a cuja paternidade deve-se, já, a revista "SUL" e, agora, o "CLUBE DE CINEMA": uma idéia, poucas palavras, muita ação, uma realidade.

Ainda não li a ata de sua criação (existirá?), não sei a quantas anda seu movimento financeiro e alguém jamais precisará quem manda mais. Aí reside o mérito da organização: ninguém grita, não há confusão, não há vaidade de cargos: mas, todos trabalham numa disciplina ditada pelo entusiasmo, com orientação marcada e finalidades decisivas.

Agora, quando da encenação de "CANDIDA", aquêlê sucesso tremendo de que a cidade tanto fala, evidenciando a silenciosa timidez da imprensa, tôdas as qualidades dos "catorze" (Era uma vez "catorze moços que tinham um Círculo de Arte Moderna, e tinham uma revista — SUL — e tinham um Clube de Cinema, e se dispunham a fazer arte, sômente arte, — pura e boa, e... mas, esta é outra história, como diria Kipling) foram mobilizadas. Tiraram as gravatas, arregaçaram as mangas, empunharam serrotes e martelos, pincéis e tesouras, num corre-corre desabrido, na caixa do velho Teatro Alvaro de Carvalho, emoldurando os últimos ensaios da bellissima peça de G. B. Shaw, a que recebia retoques de direção.

Ody Fraga e Silva, a quem se deve a maior parte do êxito da estréia do Teatro Experimental do C. A. M., segurando o queixo (influência do Morell, que representaria minutos depois) olha uma cena de Cândida (Eglê Malheiros) e Eugênio (Jason Cesar), jogada junto à lareira, enquanto o cenógrafo Walter Wendhausen, ao fundo, pinta a majestosa escada, um dos pontos altos do cenário, auxiliado pelo contra-regra, Armando S. Carreirão. Mais adiante Salim Miguel, Anibal Nunes Pires, Fúlvio Vieira, Archibaldo Neves, Lay-

la Freyeslebem e os outros "divertem-se" numa balburdia de pano, prego, papel e cola e tinta e outros "condimentos" teatrais.

O resto do elenco: Judith Wendhausen, Walmor C. da Silva e Elio Balstaedt, enquanto aguardam suas entradas em cena... "quebram pedra", pois há trabalho para todos. Nem o reporter escapa!

Este, o ambiente da caixa, na véspera da estréia, que se prolongou até às quatro horas da madrugada.

Um minuto de descanso.

Chegam os retratos do elenco, bellissimo trabalho a carvão de Martinho De Haro, artista catarinense. Prêmio Viagem à Europa no Salão de 1938.

Comentários...

Água fria na fervura: entra o

Pedrinho Taulois, triste, desolado.

— Não há dinheiro para a ceia, depois do espetáculo. A montagem consumiu tudo que havia em xa. Aguardemos o "déficit".

Nem a bomba atômica produziria efeito mais arrasador.

Mes, alguém gritou: — Vamos prá frente. A ceia sai.

... e saiu!

Assisti e ouvi, razão por que pude assim retratar os "catorze" do Círculo de Arte Moderna, cuja pincelada final bem define seus caracteres e suas diretrizes.

Com tais elementos, não foi surpresa o sucesso alcançado na tréia do Teatro Experimental.

O velho casarão da Praça Perei-



Membros do Círculo de Arte Moderna, por ocasião dos ensaios de "Cândida", quando em estudo da peça; vendo-se no centro a srta. Eglê Malheiros, que interpretou "Cândida"

ra e Oliveira ressurgiu, revivendo as glórias passadas.

Foi uma noite inédita para os novos e de evocações para os velhos. Todas as dependências do Teatro Alvaro de Carvalho, completamente lotadas, abrigavam um público, evidentemente heterogêneo mas que, numa demonstração de fino gosto e alta compreensão do moderno teatro de declamação, foi unânime em aplaudir a estréia de "CANDIDA".

Sexta-feira, 27 de maio de 1949, marca o nascimento do teatro de classe para o grande público, para o público culto e inteligente, tão bem representado pelo que vimos em Florianópolis, naquela inesquecível noite de arte.

Tivéramos, até então, representadas em nossos palcos peças de exiguo valor literário e teatral (execução feita a Joracy Camargo e Renato Viana que, à época em que nos visitaram, expressavam o que de melhor havia no teatro nacional) por elencos medíocres, apoiados em um ou dois nomes de valor da cena brasileira.

Andaram bem os "catorze" quando escolheram um original de Bernard Shaw para sua estréia.

Peça das melhores do incorrigível dramaturgo, "CANDIDA" tem lugar destacado no repertório internacional e contou sempre com bons intérpretes.

Seu gênero, a alta comédia, dos mais difíceis de interpretação, dada a singeleza de seus conflitos, digamos, muito naturais apresentando personagens parecidos com pessoas que a gente conhece e por isto mesmo, muito humanos, obrigam o artista a viver, a não representar um papel.

E foi o que vimos: das páginas de "CANDIDA" fugiram para o palco do nosso único teatro os tipos criados por Bernard Shaw, reais, perfeitos.

Sem pretensões a uma análise profunda do seu trama, podemos considerar "CANDIDA" como, ainda, explorando o velho tema — o eterno triângulo: ela, o marido e outro. A pena brilhante do autor, porém, foge à maneira convencional de apresentação do conflito, dando-nos um trabalho diferente e um diferente tratamento aos seus personagens que vivem, durante toda a peça, dentro daquele clima característico de toda a obra teatral de Shaw; satirizados e satíricos.

E temos uma grande, uma admirável peça capaz de prender o mais irrequieto espectador, durante duas horas e meia, à menos confortável das cadeiras.

Mas não só ao autor deve-se o êxito de "CANDIDA".

Acredito mesmo que qualquer direção fraca poria a perder este interessante original.



Cartaz com os intérpretes de "Cândida", de Shaw. Trabalhos realizados a carvão pelo pintor Marinho de Haro

"CANDIDA" vive dos efeitos líricos que dela o autor permite se tire e de uma inteligente e precisa marcação, e só um diretor experiente, conhecedor das cousas do teatro faria trabalho tão bom quanto ao realizado por Ody Fraga e Silva.

Nota-se em tudo sua oportuna influência, realizando uma feliz direção.

Longe do plano das comparações, mera curiosidade, lembro o que vi no Rio em referência a um grande diretor, com sucessos marcantes no teatro e cinema europeus: Ruggero Jacobi.

Estreando na direção de "TO-BACCO ROAD", peça que permaneceu oito anos na Broadway com absoluto sucesso, em nada fez notar sua presença. Grandes desempenhos tiveram a Sra. Itália Fausto e os Srs. Sadi Cabral e Josef Guerreiro. Mas ninguém duvida do talento destes grandes artistas. Dos demais intérpretes nada se pode dizer, a não ser do excessivo exagero da Sra. Yara Isabel, caricaturando o interessante papel da "Sister Bessie".

Mais tarde, porém, em outros trabalhos de direção, Ruggero Jacobi soube se impor e notava-se no desempenho dos atores sob sua orientação o trabalho do grande diretor, imprimindo harmonia ao conjunto.

Aqui, nesta pequenina ilha, tão longe dos grandes centros teatrais, nem a falta de ambiente, nem a ausência de profissionais foram fatores adversos à direção de Ody Fraga e Silva, caracterizada por essa mesma harmonia de conjunto de que se ressentira a direção técnica de Ruggero Jacobi em "TO-BACCO ROAD".

Em "CANDIDA" houve um desempenho harmonioso de todos os seus intérpretes, que, durante três atos, disseram com perfeição suas

falas, sem necessidade do tradicional "ponto".

Aliada à direção, surge a cenografia de Walter Wendhausen, outro grande fator do sucesso da apresentação.

O jovem artista florianopolitano, sensibilidade fina e apurada, revelou-nos mais uma faceta de seu mirabolante talento. Conhecíamos Walter em caricaturas, em ligeiros estudos de escultura, em aquarelas e óleos; sabíamos de seu apurado gosto pela boa música e de seus conhecimentos da moderna literatura. Vem o Teatro Experimental e revela-nos o cenógrafo.

Sua realização é das melhores e a maior que vimos em Florianópolis.

As qualidades exigidas para um bom cenário foram com rara felicidade obtidas por Walter Wendhausen: elegância e sobriedade, além da perfeita adaptação ao texto. Bernard Shaw deve ter imaginado o ambiente criado pelo novel cenógrafo para o "habitat" de seus personagens.

Quando Cândida (Eglê Malheiros), usa a escada, ao fundo da cena, um frenesi corre pela platéia, que não sustém um; oh! Desfaz-se a impressão de que a escada tinha fim meramente decorativo. Um grande momento da peça, um grande momento para Walter.

Dentro desse ambiente tão bem arranjado movimentaram-se os intérpretes de "CANDIDA".

Tivemos, então, o prazer de assistir ao desempenho revelação dos seus seis intérpretes.

Cândida teve em Eglê Malheiros uma feliz intérprete. Dizendo bem, movimentando-se com graça (quanta atriz profissional poderia aprender com Eglê como sentar-se, como caminhar, como subir e descer uma escada, abrir uma porta, movimen-

tar braços e mãos ...), além de apresentar-se impressionantemente bela e elegante.

Tem dois grandes momentos inolvidáveis dentro de toda uma interpretação perfeita:

— Já vai embora, Eugênio? Mais vai assim, neste estado?

Olha Jaime, olha a gravata, o colarinho, o cabelo, até parece que alguém quis estrangulá-lo". E cariciosamente endireita e compõe o jovem poeta;

Mais adiante, no segundo ato: — Ele me entende (refere-se ao poeta), te entende, entende à Prossy e tu, Jaime... tu não entendes a ninguém" e beija com ternura a Morell, seu esposo.

Judith Wendhausen, na Proserpina, a secretária, sai-se muito a contento. No último ato, quando representa como se estivesse embriagada, conquista o público. Pena que o seu papel não lhe oferecesse maiores oportunidades, às quais, estamos certos, venceria como o fez com o texto sob sua responsabilidade.

No papel de Jaime Morel, marido de Cândida, tivemos Ody Fraga e Silva, também responsável pela direção artística. Conhecedor da arte teatral, voz bem empostada, completo desembaraço de movimentos em cena, Ody criou um tipo que dificilmente será esquecido. Soube viver o convencional e próximo Morell, o moralista, do 1º ato; no segundo ato, deu-nos o marido ciumentoe, no terceiro, tudo nele indicava derrota, acabrunhamento, descrença. E foi neste terceiro ato que Ody esteve completamente identificado com o personagem tornando-se grande, sobrepujando-se.

Walmor C. da Silva, viveu o nervoso e completo Alexandre Mill, causando-nos a melhor das impressões. Seu desempenho foi uma verdadeira revelação. E, diga-se de passagem, fisicamente ninguém melhor que ele encarnaria o difícil papel.

Burggess, pai de Cândida, esteve sob a responsabilidade de Hélio Ballstaedt (estréia) que usando caracterização pouco favorável ao seu tipo físico, soube se manter numa linha discreta de comicidade, sem jamais cair no grotesco. Portou-se como um verdadeiro ator.

Finalmente, no papel de Eugênio, o jovem poeta, tivemos Jason Cesar, a grande revelação do Teatro Experimental do C. A. M.

Vivendo o abolecente tão bem descrito por Shaw, Jason foi perfeito em tudo que fez: sua timidez, às vezes, seus arroubos de coragem, seu atrevimento, sua ousadia, seus sonhos e suas realidades não foram revestidos de tiques exagerados. Vivendo no seu mundo, um mundo aparte, onde só havia lugar para mais alguém, onde um só nome seria pronunciado: CÂNDIDA ... CÂNDIDA ... CÂNDIDA ... o poeta vagava aéreamente, qual fantasma, pela casa toda, para ele povoada apenas por "ela": CÂNDIDA ... CÂNDIDA ... CÂNDIDA ...

E quando ela aparecia, mais ainda sonhava.

Jason, no Eugênio, faz rir, emocionada, deixa de ser Jason. É Eugênio quem vive.

Com Jason Cesar, esteve perfeito o trio central de CÂNDIDA.

Não há exageros nesta reportagem. As impressões escritas e faladas de que temos, notícia assim o atestam.

Por certo não faltará quem aponte pequenos senões.

Não discordaremos, até certo ponto, pois nossa observação foi além da de um espectador calmo da plateia, foi até onde se pode ver sarrafos a sustar as partes menos firmes do cenário, até onde a maquiagem dos atores torna-se horrível, sem as luzes da ribalta, até onde um Armando S. Carreirão, contra-regra, faz milagres de acrobacia e contribui silenciosamente

para o grande êxito do espetáculo. Lá atrás, na caixa do palco, é o mesmo nervosismo de todas as estréias, nunca perfeitas, nunca isentas de senões.

Assim, neste "trust" de arte (literatura, teatro, cinema, artes plásticas...), como bem disse um dos "catorze", o Circulo de Arte Moderna desabaladamente corre para a concretização de seus desígnios. Não há máscaras a afevelar-lhes as faces: rostos limpos, ideais claros, motivos pelos quais, não só em Florianópolis, conta com admiradores de prestígio no cenário intelectual brasileiro.

Pascoal Carlos Magno, o maior benfeitor do teatro nacional (Casa do Estudante, Seminário de Arte Dramática, Festivais Shaskepeare, etc.) é amigo: Marques Rebelo (Museus de Arte Moderna, Oscarina, prá que mais?) é amigo: Jorge Lacerda (Letras e Artes, chega?) é amigo: Armando Simone Pereira é amigo, Hamilton V. Ferreira é amigo, Batista Pereira, Elpidio Barbosa, Tolentino de Carvalho... amigos, amigos, amigos...

Coube, desta vez, ao Dr. Armando Simone Pereira, Secretário da Educação, patrocinar o espetáculo de inauguração do Teatro Experimental do C. A. M. de caráter cultural, para o qual foram convidadas as figuras mais representativas da intelectualidade florianopolitana, bem como os estudantes e o público amante das belas manifestações artísticas.

Iniciativas tais merecem louvores e aplausos. Vem elas contribuir para a melhor educação de nossa juventude, proporcionando-lhes meios de cultura e de recreação sã.

Os "catorze" continuarão fazendo arte, somente arte; persistirão no "trust" de arte, só de arte, pois as oportunidades não sofrerão este monopólio e estão abertas aos jovens talentosos que quiserem colaborar com o C. A. M.

O que dizem de "Sul"

DA SECRETARIA DOS ESTADOS DOS NEGOCIOS DO INTERIOR.

Belo Horizonte, 18-3-49

Orlando M. Carvalho, Diretor Geral do departamento de administração, cumprimenta e agradecendo a remessa do último número de "SUL" formula os melhores votos para que o TELEGRAMA AOS INCRÉDULOS seja bem entendido pelos que não creem na capacidade creadora da juventude brasileira.

Presados Senhores—

Com muita gratidão venho acusar o recebimento dos números 6 e 7 de "SUL" gentilmente enviados ao meu endereço.

Quero manifestar os meus aplausos pela obra que aí vêm realizando e que bem demonstra a pujança intelectual da mocidade catarinense. Continuem!

Queiram aceitar os meus melhores cumprimentos. Helio Viana Rio - 7 - 4 - 1949

CIRO dos ANJOS agradece cordialmente a gentileza da remessa do número 7 de "SUL". Está esplendido. E é admirável o resultado que conseguem, conhecidas as dificuldades do meio, em matéria gráfica.

Rio - 12 - 4 - 1949

No Rio, "SUL" encontra-se á venda nos seguintes lugares:

Livraria José Olimpio — Rua do Ouvidor
O Livro de Portugal — Rua Gonçalves Dias
Galeria Askanazz — Rua da Quitanda, 56
Livros Franceses — Av. Presidente Antonio Carlos, 53

ESTE NÚMERO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO

EXPOSIÇÃO JOSÉ S. D'AVILA



Durante vários dias tivemos, aberta ao público no Clube Doze de Agosto a Exposição de Pintura, gravura e Escultura do jovem artista catarinense José Silveira d'Avila.

José Silveira d'Avila que é bolsista do Estado, veio mostrar aos seus conterrâneos e aos jovens o que tem feito e o quanto tem estudado. Com um número bastante grande de trabalhos, trabalhando insensatamente, se buscando, o artista já avançou desde sua 1ª mostra em Florianópolis. E esperamos, temos mesmo quasi certeza, de que continuará avançando.

Pela segunda vez, aqui está, entre a sua gente, divulgando novos trabalhos, o jovem artista catarinense José Silveira d'Avila.

Saída das brumas da promessa, a sua arte é já uma realidade viva. Há, em Silveira d'Avila, um forte impulso para vitórias definitivas.

ARMANDO SIMONE PEREIRA
Secretário de Educação e Saúde

A produção abundante e variada de José d'Avila mostra que ele segue a regra do imortal Apelles: Nulla dies sine littera — "Nenhum dia sem um traço"; e essa produção, que agrada aos apreciadores da arte tradicional e aos devotos da arte moderna, e a sua conversação aprazível, instrutiva e judiciosa mostram que é grande estudioso das coisas de arte e que se extasia ante o belo, sem lhe procurar época nem escola.

HENRIQUE FONTES

José Silveira d'Avila — valor real — com o qual Santa Catarina pode contar com orgulho.

Fpolis., 11 de agosto de 1949.

MARTINHO DE HARO
Pintor

É de acreditar-se na vocação, no talento e no amor aos estudos depois de se ter uma visão da obra de arte que realizando José Silveira d'Avila, dos mais jovens artistas da nova geração, que, nas mais variadas expressões, vem se mostrando ao público, sempre com real sucesso.

SÁLVIO DE OLIVEIRA

José Silveira d'Avila está entre nós outra vez. Agora, porém, aparece não só como pintor mas escultor também. Sua primeira mostra em princípio do ano de 1948, mereceu os melhores aplausos e elogios.

Aguardamos seus novos trabalhos, na certeza de encontrar, na segunda exposição, a força e a sinceridade de sua arte.

ANIBAL NUNES PIRES

Tive oportunidade de ver os trabalhos que formam a segunda exposição de José Silveira d'Avila. Impressionou-me por um mérito rudimentar e primário: o trabalho organizado e honesto, de inquietante pesquisa, alheio ao elogio fácil, sensível à crítica séria e longínquo aos sofismas e mistificações, tão comuns em nossos dias.

ODY FRAGA E SILVA

ACELERAÇÃO

Reinaldo Moura

(Especial para o "Sul")

As primeiras horas arqueadas em ogiva de claus-
[tro, oblongas.

A interminável adolescência e os outonos infinitos
[entre alamedas de inexplicável melancolia.

A séssta longa do verão quando a leitura

Dos primeiros romances se prolonga

Nas longas tardes quietas de janeiro

E as noites claras do noturno aroma

Ansia sem nome, lívidos jasmims.

Depois,

A vida se dilata, a vida canta

A vida tem a curiosidade do leitor numa tarde
[tranquila de inverno

E as surpresas escondidas no texto interminável
[de um folhetim de aventuras.

Mais tarde,

A vida se adensa, se aglomera.

Os dias montam os dias, as horas fogem sem nin-
[guém perceber.

Os dias curtos se arredodam e fulguram, explodem.

As horas de vez em quando param, cantando co-
[mo inviveis passaros,

E desaparecem. Surgem outras mais rápidas,

Mais volateis.

A idade,

As semanas se amontoam, os meses fuzilam e se
[calam,

Os anos soçobram, inconsequentes.

A vida chega a um ponto, depois...

A vida é um sonho.

Como aquele filme que captou todos os momentos
[esparcos de Radiana.

Um segundo em cada semana,

Mês após mês, ao longo dos anos,

Na extensão da vida.

A juventude entreabrindo a flor do instante.

A plenitude (um momento suspensa como um gás-
[to de dança) da beleza.

O estio em lugares ondas. Madureza.

O halito do outono. E enfim a neve sobre a carne...

Quando o filme girava, no écran a flor humana se
[dilatava, se entreabria,

E murchava em menos de um minuto...

VELHICE

Salvio de Oliveira

Envelhecer

por que?

se cada dia

é novo quando nasce...

é novo amanhecer

é novo anoitecer

e nasce

cada dia

enquanto

eu envelheço

e na velhice

creasco

sempre,

sempre a envelhecer...

Envelhecer

por que?

se invejo

a face imberbe

dos adolescentes

e o sorriso franco

de meninos

inocentes...

se invejo

a força bruta

dos atletas

e a responsabilidade

dos poetas ...

inveja

de pensar

com agilidade

por que ?

por que

envelhecer ?

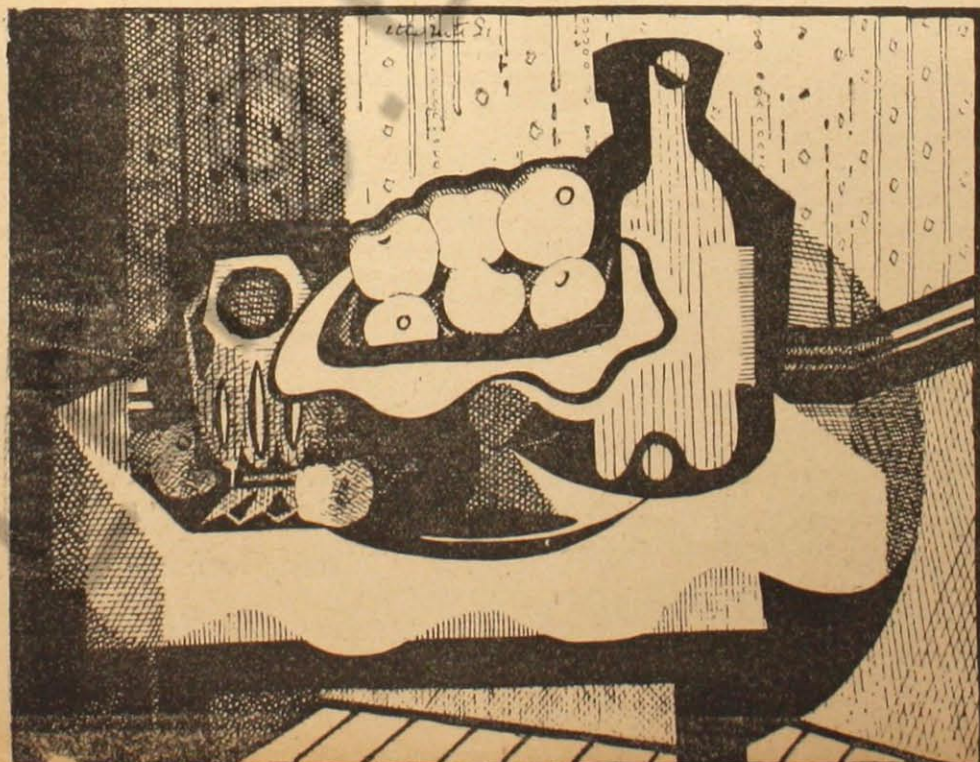
se raízes

fortes

me prendem

á mocidade...

Fpolis., 3/6/949



«AS PERAS»

DE

PETTORUTI

Em Torno Do Velho Relógio

Archibaldo Cabral Neves

Havia uma quietude suave lá fora. O ruído característico da chuva há muito já cessara. Aos poucos, a lua procurava romper as nuvens e mostrar-se. As cortinas embalamçavam-se sugestivamente por uma aragem vinda pela janela aberta; era uma aragem fresca e suave como uma melodia.

Ao longe, a luz fraca de uma casa chamou-lhe a atenção. Seu pensamento estacionou por uns momentos; quis esquecer o resto, concentrar-se apenas naquela casa quase a desaparecer, nas pessoas que talvez a habitassem, — um pobre homem, uma mulher cansada, algumas crianças... — mas sob a janela aberta, os grilos com os seus cris — cris cansativos, puxavam-no para a realidade.

Procurou esquecer. Na janela, só, sentia-se, bem, uma calma interior, um conforto inexprimível... não poderia defini-lo, sentia-se alegre e era uma compensação. Talvez fosse a beleza dos momentos que agora eram um passado.

A noite, agora já com os seus pontos luminosos lá no céu, tinha a sua quietude, aquela quietude notada quando a contemplamos só e com o pensamento claro.

Deixou-se levar pelos pensamentos. Procurou-os. E eles vieram mais rápidos que a chuva havia cessado, sucederam-se num instante, vieram incontáveis; toda a beleza perdeu-se, quando quis viver dos momentos passados, apenas havia os seus pensamentos tristes, uns tristes pensamentos que haviam restado...

Era um tic-tac monótono e cacete o do velho relógio de parede.

Era a realidade, o que sempre temera; ali na parede estava o relógio que há tantos anos os acompanhava. Mal se distinguíam os pequenos traços pretos que lhe davam as características aos minutos. Os relógios antigamente eram numerados com algarismos romanos; marcavam os segundos, os minutos e as horas sem que nada os detivessem.

Momentos tristes, momentos alegres, todos passavam ante o velho relógio impassível.

Agora, somente esta vontade de isolar-se, perder-se, de jamais poder ser encontrado, ser só e livre. Desaparecer. Esquecer o tempo, a época e mesmo as coisas e, quem sabe, também as pessoas. Não mais se lembrar dessas coisas pequenas, simples e sem importância que tanto o enervavam e o preocupavam sem que as pudesse explicar. Por que não viver, ser livre e sincero, por que não procurar alcançar o que ele considera a sua felicidade (se isto não é apenas uma palavra); inútil, não pode. Há o tempo, há a época, existem as amizades que não podem aceitar algumas coisas essenciais, não as compreendem. Existem os relógios do mundo inteiro.

O tic-tac monótono entra-lhe pelos ouvidos a dentro, passa-lhe em frente esses poucos anos vividos. Desilusões, sonhos que não se realizarão. A realidade bem diversa da que lhe fora ensinada, sentindo coisas tristes e tendo que ser alegre.

O ideal são como as estrelas, jamais vamos poder alcançá-las, porém nada impede que nos gui-

emos por elas; muito poético, muito suave — a única alegria — viva-se dentro da realidade e depois só mesmo sonhando. Apesar de toda a crueza da vida, como viver sem o sonho? Sonhando é que nos realizamos. Não importa o que digam os céticos, a vida é triste, mas não insuportável. É forte o que suporta os problemas da vida e não o que se rende a solução da morte. "A morte está na vida". "É uma coisa tão certa, que só os tolos multiplicam os passos para chegar à sua presença". A morte é uma solução muito fácil, um pouco de coragem, e pronto; mas, ela não será jamais uma solução para os problemas da vida, ainda que oscilem incessantemente todos os pêndulos de todos os relógios do mundo. Vivamos a nossa vida, bem ou mal apenas vivamos. Que sabemos nós sobre o mal? e sobre o bem?... As opiniões divergem, nem todos os relógios tem a mesma sonoridade. As ideias e os conceitos são diversos, e, para cada cinco pessoas talvez tenhamos cinco opiniões diferentes. Não generalizemos. Para todos nós "a vida é uma vontade de morrer", não sejamos demasiadamente fracos, procuremos viver. Se "é preciso viver com os homens", nada mais podemos fazer, a não ser: viver. Procuremos, entretanto, ser sinceros, o mais que possamos, ainda que fiquemos sós. A verdade é triste, mas não impossível de ser dita. Ou se é feliz ou sincero, ou se vive bem ou se procura a verdade; da nossa fortaleza depende a escolha. Explicamo-nos somente a nós mesmos. Sejamos bastante fortes para isso...

De tanta coisa imaginada, fervia-lhe a cabeça. Era um nunca encontrar-se. O seu pensamento iria sempre pelo labirinto da sua imaginação se a monotonia do tic-tac não fosse interrompida pelas sonoras, e outroras assustadoras badaladas da meia noite. As batidas foram harmoniosamente compassadas, uma a uma seu cérebro captou-as; por doze segundos concentrou-se apenas naquela sonoridade metódica, para ele nada mais existiu, então; por poucos instantes teve o momento consigo. Depois, a realidade voltou; o tic-tac fanhoso do relógio, os cris-cris lá fora, a cortina dansando...

Os seus pensamentos retornaram ao eterno círculo que o mundo criara na sua imaginação. O tic-tac persistindo sempre e sempre. Olhou o relógio, viu quão impossível era fugir da realidade, não poderia nunca escapar de sua época, do seu meio, jamais esquecer o tempo. Seria tudo inútil. Tinha que viver com os homens. E iria viver. Mas não como eles...



' Death is a fearful thing.
To die, and go we know not where!
To lie in cold obstruction and to rot."

Shakespeare

PERSONAGENS

Helon
Raquel
Pagiel
Sara

CENÁRIO

As três paredes da cena são negras. No fundo, ao centro, e no centro das paredes laterais, ha aberturas recebem forte luz, mas cujo alcance é restrito à passagem das aberturas

A cena interior é de permanente penumbra (as fisionomias dos personagens não são perfeitamente distinguidas). Em cena, há, apenas, um sofá, duas poltronas e pequena mesa, tudo em preto, sendo difficilmente distinguidos pelo público. Os móveis estão colocados no primeiro plano, á direita, ficando o resto do espaço livre, completamente nú.

CENA

Os personagens masculinos vestem-se de branco, os femininos de amarelo. Ao subir o pano Pagiel está sob o fóco luminoso do fundo. Tem na mão uma biblia que está lendo, enquanto fuma.

PAGIEL

(Começa a ler, em voz alta e com acentuação e tonalidade de clérigo, o capítulo, da epistola universal do apóstolo S. Tiago. Após o primeiro versículo, mergulha na penumbra da cena, continuando a dizer todo o capítulo sem mais o ler) — "D' onde veem as guerras e pelejas entre vós? Por ventura não veem disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam? Cubiçoes e nada tendes: sois invejosos, e cubiçosos e não podeis alcançar: combateis e guerreais, e nada tendes, porque não pedis. Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para gastardes em vossos deleites. Adulteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus. Ou cuidaes vós em vão diz a escritura: O espírito que em nos habita tem ciúmes? Antes dar maior graça. Portanto diz: Deus resiste aos soberbos, dá, porém, graças ao humildes. Sujeitai-vos pois a Deus, resisti ao diabo e ele fugirá de vós. Chegae-vos a Deus e elle se chegará a vós. Limpae as mãos pecadores; e vós de duplo ânimo, purificae os corações. Sentí as vossas misérias, e lamentae, e chora: converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo em tristeza. — (Aparecem nas aberturas iluminadas, ao fundo, Helon, nas laterais Raquel e Sara) —

Humilhae-vos perante o senhor, e elle vos exaltaré. Irmãos, não faleis mal um dos outros. Quem fala mal de um irmão e julga seu irmão, fala mal da lei, e julga a lei: e, se tu julgas a lei, já não és observador da lei, mas juiz

Há só um legislador e um Juiz que pode salvar e destruir.

Tu, porém, quem és que julgas a outrém? E ai agora vós que dizeis: Hoje, ou amanhã, iremos a tal cidade, e lá passaremos um ano, e contrataremos e ganharemos: digo-vos que não sabeis o que acon-

«A NUVEM QUE

1 ato de Ody

tecerá amanhã. Porque, que é a vossa vida? É uma nuvem que aparece e logo se desvanece.

SARA

—(Sai do seu lugar e dirige-se para Pagiel. Helon e Raquel lançam-se, também, na penumbra da cena) — Pagiel! Não há tempo para cuidar de tua alma. Joga esta biblia fora e foge, enquanto pode salvar teu corpo.

PAGIEL

—(calmo) — Não, o corpo já não importa. — (levantando a voz) — Sara, minha alma está morrendo. É preciso salvá-la. Já li todo o Novo Testamento e não encontrei a tal salvação.

— (Dirigindo-se para Helon e Raquel, que se loca? lizaram no sofá) — Voces não podem ajudar-me. Façam alguma coisa! Digam alguma coisa! Ajudem-me!

HELON

—(levantando-se e o tomando por um braço) — Deixa de ser idiota. Por acaso não percebes a maravilhosa oportunidade que te é oferecida?

PAGIEL

Que oportunidade?

HELON

A de morrer, idiota. Deixa que a alma morra. Será um alivio para ti. Se tornarás desnecessário os cuidados por sua salvação. — (como se estivesse em êxtase poético) — Esta é a tua oportunidade de dominar o céu e o inferno. Sem alma estarás livre da escravidão de Deus e serás senhor do Demônio. Aproveita a ocasião. Deixa tua alma morre. Ajuda-a mesmo. A morte é a realização suprema do ser.

RAQUEL

Deixa-o. Helon. É um medíocre incapaz de sentir a vastidão dos horizontes que se o abrem para elle.

PAGIEL

—(atónito) — Que querem voces dizer? Não os compreendo. Expliquem-se! Falem claro, por favor! —(gritando) — Digam alguma coisa clara! Falem! Falem!

SARA

—(Gritando com ele) — Cala-te! — (Pagiel ao ouvir sua voz acalma-se.) — Estas sendo umidiota. — (com doçura) — Vamos querido! Todos nós viemos para ajudar-te. Não desesperes por tua alma, deixa-a morrer. Todas as armaduras de tua vida desaparecerão. Deixarás de ser um torturado. Se tornarás impossivel as tentações demoniacas para ti. Anda, ajuda a morrer tua alma e terás o paraíso. O Reino dos Ceus. As bem-aventuranças prometidas

SE DESVANECE»

Traga e Silva

por Cristo. Estes céus de paz e bonança que o homem tem procurado através dos séculos só é encontrado quando deixamos morrer nossas almas. Isto nem sempre acontece, poucos são os que tem o privilégio de verem sua alma agonizando. Os céus vêm ao teu encontro. Aproveita esta oportunidade.

PAGIEL

—(Enquanto fala vai se afastando até ficar sob a luz da abertura do fundo Helon coloca-se na abertura á esquerda)— Tu? Tu Sara? Minha mulher. Também queres que perca minh'alma? Tu, que me pertences. O! É impossível! Minha mulher! Minha própria mulher!

HELON

Sê um pouco mais inteligente Pagiel. Ninguém está contra ti. Todos queremos tua felicidade e estamos tentando convencer-te a não joga-la fora. —(mudando de tom)— Anda, acaba com isto de... —(imitando-o)— Tu! Minha mulher... Deixa de ser bobo. As únicas coisas que nos pertencem são os bem inanimados. Dinheiro, imóveis... Sara é tão minha quanto tua, ou de qualquer transeunte da rua. —(para Sara)— Vem cá, Sara. Beija-me! —(Sara vai até ele e entrega-se em seus braços. Pagiel vai se aproximando dos dois)— Vês? Posso fazer com Sara o que quero, pois tenho direitos iguais aos teus. Não és dono dela. Não possuis nem tua alma. Deus e o Diabo a disputam, cada um procura tirá-la.

RAQUEL

—(chega-se a Pagiel e se enlaça em seu pescoço. Fala com grande doçura na voz)— Vem, querido. Descansa um pouca em meu peito, eu te ajudarei.

PAGIEL

—(Voltando-se para Helon)— Tenho os mesmos direitos sobre tua mulher, que tu sobre a minha?

HELON

Claro, meu amigo. E elas iguais direitos sobre nós. Vai! goza da paz de espírito que jorra de Raquel. Ela te ajudará a compreender as vantagens de deixares morrer tua alma.

PAGIEL

(Puxando Raquel docemente para o seu peito. Ri como se estivesse imensamente divertido)— Ah! Ah!... Oh! Minha querida Raquel. Como sou idiota. Tantas vezes desejei-te solitariamente e sofria porque eras de Helon. Como sou idiota por não ter descoberto que eras tão minha quanto dêle.

RAQUEL

Vês, querido? Tua alma foi que te impediu de perceberes isto. Deixa-a morrer e um mundo maravilhoso, para ti desconhecido, te será revelado. Sem

alma serás senhor de ti e de tudo. Entrarás no reino do prazer e da vida sem sofrimentos.

PAGIEL

E meu corpo? Que será dele sem alma?

SARA

Em pouco tempo verás que, também, não necessitas dele e aí atingirás a bonança suprema. O mundo dos deuses.

PAGIEL

Sim, que farei com ele?

HELON

O matarás...

PAGIEL

O matarei?

RAQUEL

Sim, porque te será inútil e impedirá de te realizares completamente.

SARA

Só há um caminho para a realização total...

PAGIEL

Qual é? Digam-me, qual é?

HELON

O desaparecimento.

PAGIEL

Assim não gozarei das bonanças de que falam.

HELON

Deixa primeiro morrer tua alma. Depois, ficarás saturado de bonança, serás um ébrio de felicidade, então terás necessidade de matar, também, o corpo.

PAGIEL

Mas, minha alma, apesar de moribunda, ainda está viva e eu não sei como matá-la.

RAQUEL

É muito simples. Vem comigo.

HELON

Vá! Vá sentir a doçura de morrer. A alma, a gente mata em um corpo de mulher. Afogamo-la em um mar de volupia, prazer e luxuria. Verás como é doce morrer.

PAGIEL

Mas...

RAQUEL

—(Beija-o e o vai levando para fora da cena)— Silêncio... É desnecessário falar. Vamos, que dentro de pouco tudo será paz e doçura. Vamos... (Saem de cena)

(Continua em outro local)

SALIM MIGUEL

“IDADE 21” E A INFLAÇÃO POÉTICA

A poesia é um estado de espírito. E este estado é preciso tanto para se ler como para se escrever poesias. Há ocasiões em que todos nós somos poetas. Pois, de acordo com a nossa reação íntima, há poesia em tudo que nos cerca, até nas coisas mais banais e comuns. Do mesmo modo como as coisas tidas e havidas mais poéticas podem não nos impressionar nem a mínima. Também o que se pode notar hoje é que não há coisas poéticas determinadas, delimitadas; não existem certas particularidades da vida, da natureza, de nós, que inspirem poetas, que nos deixem em “estado poético”. Esta teoria que os românticos nos legaram do objeto poético determinado, somente com a geração de 22 começou a deixar de ser verdade. Foi quando se compreendeu que poesia é, fora dos objetos e dentro de nós. Foi quando se deixou os palavreados altisonantes e vãos e se procurou uma poesia pura, seca, de um lirismo enxuto, como a de Carlos Drummond de Andrade por exemplo, onde não há luxo esbanjatório de palavras, mas as palavras significando exatamente as coisas sem perder seu valor subjetivo e adquirindo novos valores.

Mas depois veio o mal que sempre acompanha todos os movimentos novos. O dos “penetras” e adesistas improvisados que fazem mais mal a um movimento do que os inimigos. Todo mundo se julgou poeta. Virou poeta bom. E então foi o que se viu. Um aumento, tal, da semana de 22 até nossos dias que hoje temos uma verdadeira inflação poética. E a poesia se acha desmoralizada. Todo mundo é poeta e quer escrever poesias. Melhor: Quer publicar, e não sabe o que — poetar é o resultado. Ninguém fala; pois o fulano pertence ao grupo e os outros grupos não atacam porque também possuem seus “poetas” em idênticas situações. E então é essa enxurrada que se vê. Onde até os esporádicos valores se perdem em meio à maré de super mediocridades sempre metidos a gênio. De modo que, quando surge um verdadeiro poeta, é sempre muito difícil uma análise fria e lógica. Primeiro o entusiasmo e alegria nos dominam. Depois o medo de que o fulano se cabotinize, o medo de elaborar em erro, de em lugar de auxiliar, acabarmos prejudicando. Pois é um verdadeiro alívio poder ler algumas poesias. Cujas únicas intenções são manifestar um estado poético.

E é este precisamente o caso de Walmor Cardoso da Silva.

“Tanta música
Tanta, tanta.
Em meio a tanta música
Eu em poesia”.

(Do poema “Inexprimível”, Walmor Cardoso da Silva — “Idade 21” — poemas — Cadernos Sul n. 1 — 1949 a aparecer brevemente).

Em “Inexprimível” o poeta se define todo. Aliás seus poemas têm muito de confissão, de extravasamento. É um poeta puro, inato. Sem a técnica que só o contacto demorado, o estudo com os grandes poetas e os críticos dão. Possui a poesia em si, em estado selvagem. Por isto certas incongruências. A poesia, em Walmor, jorra pura, às vezes até de um mau gosto inconsciente. Mas sente-se sempre a sinceridade do poeta. E o desejo de encontrar o equilíbrio, o termo justo, sem esbanjamentos. E uma profunda sensibilidade para captar e transmitir de modo próprio a poesia que há em tudo.

Seus temas encantam. Pela pureza e simplicidade. Não procura o estrondoso, o melodramático, o trágico, as coisas enormes e transcendentais. Mas são as coisas simples, corriqueiras, de todo o dia, que nós vemos sem importância com esses nossos olhos pacatos, que ele busca. Para não-los desvendar, mostrar com o poder transformador da poesia. E nos espantamos de não os ter visto. É o “Fundo de Quintal” onde ele consegue um efeito tão humano:

“Fundo de quintal
Sempre triste e da mesma dor,
Eu te olho com o mesmo olhar antigo
Que guardo para as ocasiões tristes”.

As palavras são poucas, uniformes, monótonas, com uma cadência única, querendo mostrar o estado de espírito do poeta. Não há verbosidade. Não há desperdício. É um amadurecimento estranho, que nos surpreende quando o comparamos com certas infantilidades. Aliás a poesia de Walmor Cardoso da Silva é toda assim: feita de surpresas... boas e más. Todo o livro decorre de modo idêntico. Mas mesmo nos temas difíceis, já por demais batidos, cansados, e onde o perigo da derrapada é maior, ele se equilibra com rara felicidade.

“Leva-me devagar
Aos olhos docemente
Aos teus”.

É uma poesia sem truques. De um hermetismo puro, nascido do poeta sem que ele o perceba ou force. Quando o poeta, após fazer a poesia, vai ler novamente o que escreveu, “vê” o hermetismo. Às vezes até se espanta. É esta a impressão que nos deixam alguns poemas do livro. Ele não falseia nunca o pensamento em troca da beleza verbal. Pois a beleza maior está nas coisas simples conseguidas e no efeito delas tirado.

O livro ressent-se de um certo primarismo que a nós outros agrada. Por se contrapor, por causa de tanto artificialismo surgido ultimamente. Nos agrada precisa e principalmente por não pretender ser obra prima. Mas um bom livro de poesias. E o conseqüente.

É claro que o livro possui suas falhas. Muitas talvez. E o maior é que todo ele transpira um convencimento ingênuo. Ou então a falta de um maior aperfeiçoamento técnico, um acabamento mais esmerado a exclusão de algumas — muito raras — palavras bonitas porém ócas. Mas isto virá com o tempo. Estamos certos. E por isto saudamos em Walmor Cardoso da Silva um poeta promissor, poeta das coisas simples tratadas com dignidade. E mais: que sente a poesia que há em tudo, para quem a poesia é como uma necessidade vital. Não mero desejo de brilhar em salões, de se tornar poeta da moda, como tantos por esse Brasil a fora. Quem escreve versos como “Idade 21” o poema que dá título ao volume e fecha o livro,

“Tenho
A vossa idealização, as invejas, os contactos
que morrem,
O tempo que não será mais, tenho
As ilusões tão perto agora — realidade quando
se forem...”

pode dizer que tem um lugar definido na poesia dos novíssimos.

Junho 1949.

O Homem e a Desfiguração

Fernando Jorge Uchôa

Sôbre o papel em branco o artista confessou.

Sei que a face é apenas máscara.
Não posso descobrir-me, sinto e calo.
Reino entre dois abismos, ninguém me converte,
sou engenheiro na metade dos caminhos.

Sou o homem desfigurado no tormento e na paixão.
Colho em minhas mãos a face velha que me sobra
e o lodo da alegria estagnado me alucina.
Bebo a folia com os meus nervos e eis-me cansado
— grotesco é o carnaval

Compuz-me e filósofo e de histrião — Sou tyste.
Julgo-me a superar tôda aciência e impaciente
encaro os funcionários da Meditação.
O homem supõe a derradeira experiência.
Os dias moram no meu rosto.
Cada retalho pela máscara enrugada foi a
imperante ocasião da dôr.
Surge-me o grito, a sombra e a transfiguração, o artista
sonha e treme no laboratório da morte.

Agora esta serenidade é minha, não desce do luar.
Nunca mais . . . e essas palavras pesam.
Adêus meu leito de bebê e minha calça de homem.
Adêus primeiro beijo que te dei Ninita.
O esforço da memória para recuperar
as primitivas sensações que Diana gravou nos meus sensórios.

Um crime em embrião que regeitei.
Minha bondade indiferente, orgulhosa e estética,
o homem finalmente evoluido — a compreensão.
Eu me descobri atrás da minha face
e temo não abres que sou.
Ultimo instante!
Resta a virtude da coragem.

(RIO)

YLEN KERR

Com as vinhetas que ilustram várias páginas desta edição de "SUL", inicia Ylen Kerr a sua colaboração permanente conosco.

Ylen Kerr nasceu no Distrito Federal, onde estudou, tendo-se dedicado ao desenho e gravura. Especializado em xilografia, já conta com numerosos trabalhos de valor. Colabora na Imprensa, especialmente em "Letras e Artes", tendo participado de exposições coletivas e do Salão Nacional. Ilustrou o livro de Edson Régis "O deserto e os números", e a Grande Antologia de Contistas Novos do Brasil", edição da "Revista Branca".

Ylen Kerr vive atualmente no Rio, onde trabalha.

Perguntado sôbre sua opinião a respeito dos "novos", nos respondeu que o movimento dos novos no Brasil, embora já tenha nos apresentado valores individuais, não pode ser considerado, ainda, senão como uma grande e sincera luta onde se nota vontade de acertar.

Sôbre a revista "SUL" declarou que a acompanha desde seus primeiros números e que, com o que ela já realizou e com os elementos de apoio de que dispõe tornar-se-a, sem dúvida, uma publicação de primeira linha.

H. V. F. — Rio — Agosto.



A CIDADE Xilografia de Franz Masereel

O homem solitário

Conto de SALIM MIGUEL

Mirou o relógio. Ficou olhando os ponteiros. Depois as longas veias azuladas do pulso. O pêlo que lhe cobria inteiramente o braço, descendo até os dedos, estava eriçado. Os dedos eram longos, de uma transparência doentia.

Passou a mão pelo braço, uma carícia longa, calma e morna. Queria sentir que ainda estava vivo. Beliscou-se. Como é boa a sensação da vida. Eu tenho a impressão de estar agora, neste instante, nascendo. Aliás, a todo instante me parece que estou nascendo. Que sou outro, possuo outra alma, outra personalidade. Nós somos "outro" em cada situação diversa, em cada minuto que passa. É uma sensação estranha, enervante e ao mesmo tempo doce. Se lembra do bem estar que sente quando lhe batem, quando o corpo lhe dói. Em pequeno, eu me deixava surrar, ou então me feria, e só assim a vida tomava forma em mim. Por exemplo, agora, sómente com êste beliscão como tudo já mudou, adquiriu outra fisionomia. A paz, a calma, lhe dão uma sensação de acabamento nirvânico, de esgotamento da vida. É preciso que esteja sempre se movimentando, sempre em ação, ou sofrendo. — física ou mentalmente — para perceber que vive.

Sempre se sentiu assim. Sempre foi tão estranho, tão só, tão, tão alheio às coisas dêste mundo — e no entanto tão prêso a êle. Um homem que hauria forças de si mesmo, porém sem poder se livrar do meio ambiente, dos outros homens, do contacto das coisas existentes.

Revira-se, lentamente, na cama. Deixa escorregar os olhos pelas paredes. Algumas sombras brincam ao sabor do vento que mexe com as cortinas. A tarde cai. Êle sabe disto, pois o sol já chegou ao canto direito do quarto. Daquí a pouco será noite. Mais uma noite. E com a noite virá a febre.

Porque, em verdade, não é a noite que êle teme. Nem a febre. Mas é o tamanho enorme que tôdas as coisas tomam, a inconsequência do ser diante do gigantesco drama íntimo, as fantasias da mente, conjugadas à noite e a febre. Como é que nessas ocasiões as coisas decorrem assim tão rápidas — ou tão vagarosas? Ou nós é que decorremos tão rápidos — ou vagarosos?

Ah! Se me fosse possível ser eu mesmo, deixar de ser êsses não sei quantos eus que sou, em certos momentos. Perder a personalidade, a individualidade. Integrar-me de novo no todo que é o único, ser — o todo — Eis aí a solução: "ser o todo."

Imortalizar-me, não por mim que nada sou, mas pela própria imortalidade da vida. Nós, que somos nós? Partículas de nada, desprendidas do todo. Quem sabe se não seremos meró reflexo do todo? Uma projecção infinitesimal do todo.

O sol desce mais um pouquinho. A sembra sobe mais um pouquinho. Os grilos e os sapos que iniciam mais um concerto, Olho através das cortinas, para fora. As árvores, são vultos embriagados, que traçam estranhas geometrias no espaço.

Na mesinha perto, um copo com água. Pega-o. A sêde o escalda, lhe corroi as entranhas. Me parece ratos roendo queijo. Sorve a água, primeiro aos goles curtos, depois sôfregamente. Mas a água

está sempre morna, tem um sabor indefinível, não lhe mitiga a sêde. Talvez que não seja a água. Talvez sua sêde não seja mitigável. É uma sêde interior, não física, da cabeça, uma impressão sutil, nunca antes sentida, apenas que a imaginação controla. De modo que a água não resolve sua situação, é preciso êle se convencer de que "não" está com sêde. Procuremos não pensar nisto. Vamos mudar o rumo de nossa imaginação. Se eu pudesse...

Se êle pudesse não pensar no caso, transportar-se para uma outra dimensão, viver uma vida puramente automática, sem interferência do trabalho mental. Pois o pior é a mente, que não nos dá um momento de paz, de calma. Mas uma paz, uma calma sem que se perdesse a impressão de vida. Eis o difícil.

Tôda a reserva de energia do corpo é encaaminhada à mente. Vivemos unicamente em função do cérebro. Às vezes até, o enfraquecimento do corpo torna a mente mais lúcida, mais clara, capaz de captar coisas que em perfeito estado não estariam ao nosso alcance; de construir num mundo subjetivo, mundo de realidade objetiva, sim objetiva e só por nós percebidos. Travamos contacto com os menores ruidos, os sons, as próprias côres têm um sentido novo, vivem, vibram; as coisas tôdas mais adquirem também um outro valor, tôda a estrutura nossa interna e externa sofre modificações imperceptíveis ao comum das pessoas. E no entanto essa subjetividade é perfeitamente realidade objetiva, poderíamos quasi dizer palpável. Êle a sente, êle se transporta para aquele mundo, êle vive nele vidas inteiras de emoção e intensidade inconcebíveis, em minutos. É o martírio da pura vida mental.

Olhem-lo alí, na cama desarrumada, com o copo ainda na mão. Fixa-o. Percebe-lhe todas as nuances, as minúcias. A rachadura no fundo. O tom azulado mais escuro numa banda. A pequena lasca que está faltando num canto.

Agora fixemos-lhe o rosto. Êle está magro com os olhos enormes e brilhantes a barba crescida e preta, dando uma palidez falsa á face. Talvez se se olhar ao espelho não se reconheça. Muito menos ainda se pudesse se examinar por dentro. Nunca, antes dessa doença de tão pouco dias, foi dado a pensar tanto assim. Vivia simplesmente. Ainda que muitas vezes, idéias loucas e fantásticas o assaltassem e tivesse período de completo esquecimento de si mesmo. Mas agora, o dia todo estirado alí, o corpo sem nada fazer, canalizando tudo para a cabeça, deu em pensar em coisa com que nem sequer sonhar antes. É como se todo o tempo aquilo estivesse latente dentro dêle, á espera de uma oportunidade para vir á tona.

Foi agora a vez. A doença ofereceu esta oportunidade. É ocasião de passar em revista, que não sei, tudo que as vezes eu sentia que tentava subir, criar forma, libertar-se, mas que eu recalca-va. Que é que eu, recalca-va?

Aí então se perdia não consigo coordenar as idéias compreender o que se passa comigo, antes tudo éra—ou parecia—tão fácil, será que com to-

—Os os que adoecem se dá o mesmo, ficarei igual ao que era quando melhorar, tenho a impressão de estar outra pessoa sonhando ou num porre emquanto que eu de dentro dela, com entrei não si olho para ela, a análise, é confuso sei, eu dentro de "eu" mesmo que não sou eu, mais que fazer, é assim que sinto...

Corta o pensamento em meio a frases desconexas fica vazio, sem pensar, ver, ouvir vazio tão somente. Depois, de vagar, como quem volta de um sono hipnótico, olha pra tudo que o rodeia. As paredes do quarto, a mesinha, dois ou três livros sobre a mesa, a cadeira com o terno azul, os chinelos, a toalha, também não esquecendo o copo d'água, e os vidros cheio de remédios nem a cama desarrumada onde jáz estirado, cama sempre desarrumada com os travesseiros e colcha no chão, nem a folhinha atrazada ali em frente, na parede com o seu berrante colorido, e ainda observa o teto, contar as tábuas de um lado pro outro, olhar a lâmpada, as teias de aranha, três pregos em três cantos da parede. De dentro, do resto da casa, lhe chegam sons confusos, passos, vozes indistintas, um ou outro grito, cadeiras arrastadas na hora da bóia; portas que batem. Raramente chama alguém. Eles é que se lembram e o vêm atender. E quando se esquecem, deixa-se ficar inerte, quasi alegre. Quando surgem, finge que dorme, se o acordam responde com monossílabos ao que lhe perguntam. Tem ódio, inveja das pessoas saudáveis — como se estivesse ali há anos — que o visitam, lhe perguntam pela saúde, sorriem, dizem que não é nada, (môrbidamente êle quer se convencer de que está mal, vai morrer de uma hora pra outra, etc.) se sentam um minutinho ou uma hora com a mesma indiferença, sempre falando uns, outros num silêncio besta, e ao sair dizem todos invariavelmente:

"Estimo melhora. Já está quasi bom, pode com outra" ou bobagens semelhantes.

—Queres alguma coisa?

As palavras lhe paracem vir de muito, muito longe. Êle se vira lentamente, abre os olhos, procura sentar, não consegue, terei entendido, estará mesmo alguém aqui?

—Queres alguma coisa?

Sim, é alguém que lhe fala.

—Não, não quero — responde a custo, sem reconhecer a própria voz, onde estará minha voz tão forte, minha voz tão característica? Fala com uma pachorra, uma laseidão, assim como se lhe fôsse a coisa mais pesada e difícil do mundo. Nada lhe interessa.

Vê agora que é fraco, o quanto o homem é fraco. Jugava-se o dono, o eixo do mundo, tudo girando em torno dele, todos se locomovendo, trabalhando em função dele. E uma simples doença que êle bem sabe, mas procura fazer que não sabe, e sem maior importância — tudo levou. Cadê a confiança em mim mesmo, a arrogância que eu possuía onde está a fé em mim, no mundo no futuro, que fim levou? A agressividade pedante dos ingênuos e inocentes?

Mas talvez assim seja melhor. A lição: Se lembra de uma frase dum amigo, frase essa de Bertrand Russel e que o outro tomara como o lema: Tristes daqueles que não tem coragem de efetuar viagens na região da dúvida libertadora. Se rira. Agora sabe. Era isto que a êle faltava. "Fazer viagens na dúvida libertadora".

Porem não teria caído no extremo oposto? Não estaria exagerando essa sua busca na dúvida? Então não existiria nada mesmo á face da terra

que...? Também êle! Êsses extremos de seu espirito! Essa...

—Mas então não queres nada?

a voz novamente. Se havia esquecido dela

—Toma alguma coisa. Assim só irás piorar.

À voz que o alfenita.

—Ê este o mal dos doentes. Auxiliam a doença. Ê preciso comer pra se combater o mal.

Sempre a mesma coisa.

—Tomar remédios

Ainda a mesma coisa

—Depois êste silêncio. Ê preciso falar, não se reter de mais consigo mesmo.

A voz que não se cala.

—Absurdosedeixarsedominarassim.

As palavras que parecem sair tôdas juntas

—Quantomaiscaladomais...

Por um esforço supremo consegue anular a voz. Abstrai também a pessoa que ali está. Se abstrai a si próprio do quarto. Passeia agora num outro ângulo da vida, lá onde só êle pode se ouvir sem se falar.

Às vezes no entanto, uma dúvida mais forte o domina:

Será certo me abstrair assim de tudo?

Pensa na morte. Não sabe porque, pois nada o obriga a tal. Não que esteja pra morrer, essa doença não dá pra tanto, Pensa somente por uma satisfação mórbida, inexplicável. Masoquisticamente.

Mas pensa na morte, também de uma forma só dele, impessoal, se me compreendem, na morte como se estivesse pensando em pessoa quasi desconhecida, a que êle não tivesse amizade nem nada, que em nada o afetaria. Só curiosidade

Está morto:

O corpo lavado, o terno azul-marinho, os sapatos verniz, gravata azul de listrinha, lenço branco, as mãos cruzadas no peito, flôres, cartões, corôas, quatro velas, zum-zum, vultos que entram e saem, vozes compungidas, rostos hipócritas, bebericando cafezinho e comentando noite a fóra enquanto os homens se contam casos obscenos pra passar o tempo e as velhotas cochilam aos cantos. No dia seguinte o enterro, primeiros passo os amigos carregando o caixão, depois o carro a chegada, o padre, os coveiros a espera, discursos exaltando virtudes que êle nunca sonhara possuir, bocêjos, vamos visitar as lápides, e enfim a terra caindo sobre o caixão, o nada para êle a volta dos outros, alguns tristes ainda com lágrimas, o resto em bandos alegres. E logo, bem logo, o esquecimento.

A memória dos homens é fraca, o homem não é nada sendo tudo, passa mais rapido que a peste ou a desgraça que ainda permanecem um minuto na memória da coletividade. Mas o homem, "êle", parte do otodo, não fica, para que todo possa ficar. Nós vivemos da morte e morremos da vida.

A noite que chega. A noite — a febre. A imortalidade do tempo — a imortalidade da vida. Não do homem. A enormidade pequena de "certo" tempo — seu tempo.

Aperta o comutador. A luz jorra inundando o quarto, colhendo a escuridão, acuando-a para fora, para longe.

(Conclui em outro local)



Impulso e necessidade na Literatura

SILVIO DE MACEDO

Não se pode julgar um valor em literatura, se levar em conta apenas o impulso inicial. Porque não é raro seguir-se, a esse impulso, a esse primeiro entusiasmo inconsciente, uma completa extenuação. É comum, no terreno das letras, e em tudo o mais, brotar, do dia para a noite, um "vacionado", trazendo a estrêla na testa, que, aos primeiros embates, ao se lhe depararem os primeiros obstáculos, torna-se em caramujo, na mais visível impotência de criar e vencer.

Vê-se que o impulso só não faz uma vocação real. O que caracteriza essencialmente o verdadeiro vacionado intelectual é a resistência. Os que têm verdadeiramente vocação resistem, porque possuem uma natureza trabalhada pelo espírito. Este insinua o seu poder transformador dos mais arrogantes preconceitos em torno do escritor.

Apenas uma minoria, de uma multidão dos que se entregaram às primeiras impulsões, logra essa permanência no intelectual, descobrindo e aprofundando realmente a sua vocação. É pela consciencialização intensa que o verdadeiro vacionado intelectual penetra na realidade de si mesmo e do mundo.

A cultura, a formação cultural orgânica, é que efetivamente condiciona, no individuo, essa permanência, essa resistência. E a prova disso está em que os grandes escritores sofreram todas as batalhas, todas as campanhas injustas. Experimentaram a campanha da inveja, a do ódio, a reação dos preconceitos suspensos em falsidades e, finalmente, a grande campanha do silêncio. Cita-se o inesquecível Charles Péguy, e tantos outros, em todos os lugares e idades históricas.

O verdadeiro vacionado intelectual é predestinado pelo espírito, por uma potencia superior a reagir às investidas da estulticia humana animalizada.

Muitas vezes torna-se essa resistência uma resistência dramática, em qualquer ponto em que êle se situe. Uma resistência cheia de suor e de sangue.

Resistência espiritual vezes muitas invisível ao olhar menos persecutador.

Adelgaça-se ante os tentáculos irreprimíveis de ordem economica ou de constringimento social e resiste á despersonalizações. Investe e não pode contê-lo. É o ser irrequieto, que possui a liberdade porque tem clara consciência do quer. Não investe de encontro a moirhos de vento não tem a facilidade de brincar com ilusões apenas o seu idealismo sa ode o ambiente letárgico por uma atuação espiritual enérgica, transformadora para o bem e esclacedora da verdade.

Há muitos que se esmeram no jôgo dos disfarces, aparentar que têm "fibra" intelectual. As provas sociais demonstram essa qualidade.

Todo esforço é um gasto de energia. A atividade intelectual, por sua própria natureza, está a exigir, do individuo, um dispêndio dessas energias consentradas no seu psiquismo. Ora, não há melhor meio então de se provar essa resistência individual, essa capacidade psíquica, do que o sentido de permanencia néla, a resistência ás variações da sensibilidade á mudança dos aspectos exteriores, resistência no sentido ainda de se opôr á dispersão, de perder a auto-crítica, anular-se pelas pressões coercitivas dos "grupos".

É explicável, psicologicamente, a atitude daqueles que, na impotência de admirar, projetam negativamente essa admiração inconsciente numa atitude neurótica, tradutora dos seus complexos de inferioridade, atitude, que,

ANOITECER

Antonio da Silva Filho

(Porto Alegre)

Rubras são as nuvens ao anoitecer,
Quando a brisa é uma carícia
E os pardais cantam nas copas das arvores...

A massa humana volta para as trevas,
Para o esquecimento.
Os vultos, aureolados pelo vermelho solar,
Arrastam-se pela rua poeirenta,
Os corpos suados, enfraquecidos pela lide.
As maquinas de sangue, materia e visceras,
Esboços de homens,
Trazem consigo as legendas da miséria e da escravidão.

O sol ainda brilha,
Os passaros ainda cantam,
As crianças ainda riem...
Mas a massa passa curvada e enfraquecida,
Arrastando d' lentamente as correntes,
Abafando o tédio e a revolta...

As nuvens do poente ficam mais rubras
E alastram-se pelo céu,
Como se quizessem queimar as estrelas
Que em breve brilharão.

vulgarmente, se chama inveja, mas, conceituada culturalmente, é apenas um estado de crise psíquica, muitas vezes marginal da demencialidade.

A consciencia do escritor — aquele possuido do perfeito sentido de sua função na sociedade — é coisa muito difícil de se devassar, para penetrar-lhe o sentido lógico e psicológico de suas criações, em toda a sua patencialidade. A alma humana ainda encerra mistérios. Mas o que não resta duvida é que, ao escritor, em que pese a sua "aderência" de ordem politica a certos «grupos» de pouca percepção acustica, se deve exigir uma coisa: a honestidade intelectual, o desassombro no afirmar as suas idéias, a coragem de defender a justiça quando maltratada e vilipendiada, mas, antes de tudo, a coragem de se sacrificar por seu ideal, e não o de levar esse sacrificio, transferindo-o para outros que não criaram ainda em si a convicção que anima o intelectual, porque só assim, ele se despoja de sua camada de orgulho. A função do escritor é uma função essencialmente de ordem espiritual. Portanto é pelo espírito que êle tem de atuar, de transformar, à semelhança do levado que fermenta as "massas", os grupos humanos. Se ele não tem consciencia, então nada se pode dele esperar.

O VERDADEIRO ESCRITOR O É POR NECESSIDADE ESPIRITUAL, E NÃO POR IMPULSO.

(ALAGÓAS)



A RAPOSA SABIDA
Xilogravura de Walter Klenum

SALAMBÔ

Romance de Gustave Flaubert

Dêste livro portentoso não há mais nada de novo por dizer no intuito de realçar seus méritos. Basta assinalar que aparece através dos prelos das "Edições Melhoramentos" mais uma vitoriosa edição, muito bem cuidada e artisticamente preparada.

Quanto ao livro em si, falam por êle os milhões de leitores de quase tôdas as línguas vivas que encontraram naquelas páginas um punhado de primazias intelectuais ainda não superadas.

Realmente jamais houve, antes ou depois da aventura de Flaubert nos areais do norte-africano, uma reconstituição tão honesta, trabalhosa e perfeita de uma civilização desaparecida. Jamais um outro grande romance se tornou de forma e tão completa, uma obra que se possa oferecer com igual proveito para os leitores que não fazem concessões ao gosto fácil e áqueles que dirigem suas preferências para as obras coloridas do gênero chamado "grandas vendas". "Salambô" é tudo isso. Um crescendo de emoções que cascateiam improvisamente, página por página, alteando-se em cada episódio, que se sucedem como num caleidoscópio de facetas espirituais, que fazem de cada capítulo uma culminância de sensações.

Flaubert não teve pressa ao escrever seu romance. Pesou, o mediu-o, graduciu-o, limou-o anos após anos.

INAUGURAÇÃO DO

"TIRADENTES"

O Museu de Arte Moderna expõe no Automóvel Club do Brasil o Painel de Cândido Portinari, "Tiradentes", que irá para o Colégio de Cataguases, construído por Oscar Miemeyer para o sr. Francisco Peixoto.

"Tiradentes" é mais uma realização em grande estilo portinariano que acresce a obra do nosso grande pintor talvez de seu mais grandioso trabalho.

Com novas riquezas de composição e colorido consegue Portinari todo o conteúdo humano e heróico de Tiradentes. O novo mural, si pelas proporções é semelhante aos do Ministério da Educação, revela esta faceta bem do caráter de Portinari que é a pesquisa e o trabalho completo, sempre se renovando e encontrando a nova solução em que o autor se coloca inteiro. Portinari como Picasso está a fazer sua "obra completa" em cada trabalho pois que parece nada resta a fazer depois de cada um deles, sendo os posteriores, um por um, novas criações. Quem admira o "Tiradentes" sabe que é de Portinari mas sabe também que é de um pesquisador incansável, estudioso apesar do talento, que abomina a repetição embora de obras de mestre.

Não nos aventuramos a mais, na análise da nova peça de arte de Portinari para não cometermos o pecado geral, tão em voga hoje em dia, de ser "crítico de pintura". Apenas registramos que com o "Tiradentes" contamos com mais uma valiosa contribuição para a arte e que o simples fato de apreciá-lo, embora sem maior penetração, nos sugere impressões de grande riqueza e nos educa a sensibilidade, como acontece com toda obra de beleza clássica.

H. V. F.

Ao concluí-lo havia dado á literatura universal uma obra unânime considerada como entre as dez melhores. Amílcar, Salambô, Gisscon, Hanon, Spendius, Matô, Narr, — Havas e aquelas cofusas multidões que se arrastam, gemem, lutam e morrem nos escaldantes areais hão de acompanhar por muito tempo a todos os leitores, mesmo aquêles que já havendo lido voltarão a buscar nessas páginas inspiradas e imorredouras, as belezas de estilo e de forma que guindaram á imortalidade o autor e sua obra.

A presente edição foi traduzida diretamente das mais autorizadas edições francesas, por Aloysio Ferraz Pereira. As ilustrações, originalíssimas e que muito bem fizeram honra ao livro, são de L. Specker.

250 páginas — formato: 16 x 23 em
Em tôda as boas livrarias ou pelo Serviço de Reembolso Postal nas EDIÇÕES MELHORAMENTOS
Caixa Postal 120 B -- São Paulo
"Edições Melhoramentos"

«A NUVEM QUE SE DESVANECE»

(Continuação)

SARA

Bem, e nós?

HELON

Nós já gozamos aquilo que nos é devido há muito tempo. Enquanto ele . . .

SARA

Sei . . . Ele não viverá muito. Moisés o matará na primeira oportunidade.

HELON

Como pode um homem querer matar um idiota destes?

SARA

Este idiota o traiu . . .

HELON

E certamente cometeu algum erro . . .

SARA

Como é natural. Traiu e não contou tudo á policia. Teve a estúpida mediocridade de trair e guardar para si os segredos fundamentais. Como se isso o pudesse redimir.

HELON

Moisés está solto?

SARA

Claro, faltaram as provas evidentes, as quais Pagiel não revelou. Foi facil para Moisés defender-se. Ontem foi absolvido, hoje já o deve estar procurando, para cobrar de Pagiel o que lhe é devido.

HELON

A vida?

SARA

Naturalmente. Todo traidor é um benemérito social, quando é completo em sua delação. Quando leva todos os traidos á prisão. Porém, no momento em que se toma de escrúpulos e faz o serviço pela metade, deve ser morto, pois torna-se perigoso para a própria sociedade a quem serviu. É raro o traidor escrupuloso que tenha vivido muito após a traição. O momento de Pagiel está próximo. —(Pequena pausa)— Será um alivio.

HELON

Um grande alivio . . . Teremos um impecilho a menos . . .

SARA

Os maridos nunca foram impecilho para as mulheres que amam outros.

HELON

—(Toma-a em seus braços e beija longamente)— Pouco nos resta. Sempre descobrimos o que nos serve, quando estamos irremediavelmente presos a outra coisa. Pagiel deixou de existir a pouco. Raquel anulará seu espírito e sua vontade. Moisés completará a obra.

SARA

Ainda fica Raquel . . .

HELON

Ela tem outros caminhos e planos. Quando se vive muito tempo com uma mulher, passamos a ser, mutuamente, uma coisa diária. Assim como um movel, um bibelô, uma casa, etc . . ., ficamos com eles, porque nos é impossivel trocá-los constantemente.

SARA

Então Raquel irá adiante. E eu, quanto tempo durarei?

HELON

Filha, nós mal estamos iniciando.

SARA

O tempo não importa?

HELON

O tempo não existe. O que interessa é a posse total, . . . depois o desaparecer. Sara, é preciso morrer após a posse absoluta. Nosso defeito é sermos tão teimosos e insistirmos em viver. Abandonamos uma mina de ventura, pela burrice de nos arrastarmos inúteis e imprestáveis. Já é o momento de morrer, porque nada mais nos resta. Nada mais somos. Diariamente repetimos as mesmas coisas. Tudo torna-se cotidiano, Sara, é preciso morrer enquanto a morte tem o calor do extase, porque depois nem morrer será agradável.

SARA

Para que tudo então? Que nos adianta construir uma vida, se a beleza está justamente na doçura de morrer?

HELON

Sara, eu não estava lullibriando Pagiel. . . Ele pouco significa para nós. Eu creio no que disse e tu me auxiliaste á dizê-lo.

PAGIEL

—(Entra em cena pela abertura do fundo, vem seguido de Raquel)— Oh! Helon, meu amigo. Como te sougrato. —(Para Sara)— A ti, querida, também. Estou livre. Minha alma morreu. Livre. Os dois mais cruéis credores do mundo deixarão de me perseguir: Deus e o Diabo. Sabem que não existe
(Conclui em outro local)

NOTÍCIAS

1) — Cadernos Sul

Enquanto as condições economicas não tornam possíveis as "Edições Sul", vamos nos satisfazendo com coisa mais modesta: os "Cadernos Sul". Serão pequenos volumes de mais ou menos 50 páginas. E desta vez sairão logo, pois o primeiro já se encontra quase pronto, devendo aparecer por estes dias. E os outros logo em seguida entrarão também. Estão programados, por enquanto, três (3) cadernos:

- I — Idade 21 — poemas de Walmor Cardoso da Silva
- II — Um homem sem paisagem — teatro de Ody Fraga e Silva
- III — Ilha — poemas de Sálvio de Oliveira

2) — Edição Sul

Os "Caderno Sul" que aparecerão brevemente (Idade 21 — poemas de Walmor Cardoso da Silva já se encontra quase pronto) não impedem que continuemos trabalhando nas "Edições Sul". E trabalhando ativamente. Contratempos surgidos estão sendo afastado e logo voltaremos às edições. As programadas:

- I — Encontro — conto de Salim Miguel
- II — Teatro — peças num ato de Ody Fraga e Silva
- III — Antologia de Poetas Novos de Santa Catarina — com poemas de Eglê Malheiros, Anibal Nunes Pires, Walmor Cardoso da Silva, Sálvio de Oliveira, Antonio Paladino, etc.

3) — Teatro

O Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna, que ha pouco tempo nos deu "Cândida" de G. B. Shaw (ler reportagem neste número a respeito), prepara-se para nos oferecer outro espetáculo de classe. Desta vez será um nome ainda desconhecido quase que inteiramente no Brasil — Jules Renard. Mas nem por isto é menos importante que Shaw. Tanto no teatro e mais ainda na literatura mundial. Será apresentado o "Festival Jules Renard" com duas peças. Uma delas é "O prazer de romper", a pequena obra prima que "Sul" publicou em primeira mão no seu nº 8. A outra será "Poil de Carote", que está sendo traduzida especialmente para o teatro do C. A. M. Os ensaios terão inicio dentro de alguns dias com os mesmo elementos de "Cândida".

4) — Teatro Infantil

O Ody Fraga e Silva está empenhado na idéia que há tanto tempo acalenta: teatro infantil. Fazer teatro para as crianças — se possível com as próprias crianças. Como meio de educação e cultura. Já se conversou com o Dr. Elpidio Barbosa, do Departamento de Educação, que mostrou a melhor boa vontade. Peças estão sendo estudadas, pois a estreia deverá se dar durante a semana da criança, em outubro vindouro. Outro plano é o teatro de fantoches, que também vem sendo estudado com carinho. Aguardemos...

5) — Página Literária

No jornal "O Estado" o Círculo de Arte Moderna vem mantendo dominicalmente uma página literária, que nos Esta página foi gentilmente cedida pelo Dr. Rubens de Arruda Ramos, diretor do jornal, apresenta sempre pequenos contos, crônicas, poemas, noticiário literário do Brasil, informações várias, criticas, ilustrações, etc.

6) — Clube de Cinema

Custou mas aparceu. Um sonho antigo dos membros do C. A. M. era a fundação de um Clube de Cinema.



Ilustração de SANTA ROSA para o livro "Crime e Castigo" de Dostoiewski — Edição da Livraria José Olímpio

Olhávamos com verdadeira inveja para os outros estados, como S. Paulo, Porto Alegre, Rio, etc, onde existiam. E nós aqui nada. Por que? pensávamos. Um clube onde se pudesse discutir, estudar, valorizar o cinema como arte, trazer bons filmes, etc. Várias tentativas inuteis hãviam sido feitas. Nunca dava certo. Sempre incompreensões, má vontade, deficiências, falhas num ponto ou outro. Quando a coisa parecia ir melhorzinha, lá surgia um contratempo qualquer. Mas agora parece que afinal deu certo e o nosso clube já está funcionando. Estreiou com o "Idiota" filme frances e logo depois apresentou "Delito" italiano com Aldo Frabizzi e direção de A. Latuadda. Dois grandes filmes. Outros estão programados. Além dos filmes o clube pretende realizar debates e convidar conferencistas de outros estados. A diretoria provisoria do C. C. C. A. M. é a seguinte: Presidente — Salvio de Oliveira; Vice, — Walter Wendhausen; Primeiro Secretario — Ody Fraga e Silva; Segundo — Layla Freisleben; Tesoureiro — Armando S. Carreirão; Diretor de Publicidade — Salim Miguel. Finalidades do Clube: pugnar pelo melhor conhecimento e compreensão do Cinema — Arte. b) Trazer a Santa Catarina (Florianópolis) filmes de expressão artistica que, em circunstâncias normais, não seriam aqui exibidos. c) Realizar exibições periodicas para seus associados das obras clássicas da setima arte. d) Organizar biblioteca e filмотeca especializadas. e) Realizar conferencias, sessões de estudo e debates sobre assuntos de cinema f) Trazer seus socios permanentemente informados sobre as realizações cinematograficas mundiais.

"A Nuvem que se Desvanece"

(Conclusão)

mais o bem a eles hipotecado. S. Tiago tinha razão, nós somos uma nuvem que aparece e logo se desvanece. Deixei de existir, minha alma morreu. Como é doce a morte, como é venturoso deixar morrer.

SARA

Nós o sabemos, meu amor. Agora que já morrestes um pouco, nada mais resta que seguir teu caminho. Eu fico.

PAGIEL

Ficas? —(Para Raquel)— E tu, minha Raquel? Ficarás comigo e me ajudarás a morrer integralmente?

SARA

Fiques tranquilo, porque alguém está ansioso por te ajudar.

PAGIEL

Eu sei , ..

RAQUEL

E tu Helon? Ficas?

HELON

Por pouco tempo, mas tenho, hoje, caminho diferente do teu.

PAGIEL

Já é tempo de irmos. —(Para Helon)— Obrigado, amigo, deste-me as chaves dos céus. —(Vai saindo pela abertura do fundo, seguido por Raquel, quando se houve dois tiros e Pagiel cai. Helon e Sara ficam parados onde estão. Raquel baixa-se, apalpa-o, escuta-o e levanta-se).

RAQUEL

Bobo feliz

PANO

TEATRO

Fala-se que o velho, velhíssimo Álvaro de Carvalho hospedará dentro de breve, quasi em seguida, 2 das melhores companhias de teatro que estão percorrendo o Brasil.

Primeiramente teremos H. Morineau, que nos apresentará "Medeia" o classico grego numa adaptação de Robison Jeffers, "Uma rua chamada Pecado" de Tennessee Whillians e outras grandes peças de seu repertório.

Sandro logo em seguida nos visitará com a A... respeitosa de J. P. Sartre, Tereza Raquindé de Zola e outras grandes peças do moderno teatro mundial.

Esperemos que tal boato se concretise e que possamos assistir as verdadeiras peças teatrais, encenadas por verdadeiros atores.

CADERNOS SUL

IDADE 21 — TEATRO — ILHA

Um... dois... três Cadernos Sul em preparo!

CADERNO N. 1

"IDADE 21", o belo caderno de poesias de Walmor Cardoso da Silva, está quase pronto e será posto à venda ainda no mês de setembro.

Dele selecionamos a poesia "Acordando", que bem diz de todo o seu conteúdo.

ACORDANDO

Não andei só
Um outro alguém que não conheço
Estava também
Contando-me os passos.

Não pude ver
Quem me seguia em toda a parte
Quem me perseguia
Em cada minuto.

Senti-me prêso
Tolhido
Esquecido,
Quiz fugir mas não pude.

Mas veio a luz
E ouvi
E senti
Bem ao longe
Um sonho se afastar.

CADERNO N. 2

Um volume com peças teatrais de Ody Fraga e Silva.

O autor, de quem pouco precisaremos falar, formará ao lado de Alexandrino de Souto e Celso Kelly o grupo de autores responsáveis pelo repertório de estréia do novo conjunto teatral — "COMEDIANTES BRASILEIROS", que, a estrear brevemente no Rio, pretende encenar somente peças de escritores brasileiros.

CADERNO N. 3

"ILHA" — poesias regionalistas de Sálvio de Oliveira, com ilustrações de José Silveira d'Ávila, será uma publicação original e bem apresentada.

Roberto Macedo, conhecido jornalista, redator do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, e membro da Academia Carioca de Letras, após ler os originais de "ILHA", entre outras cousas, assim se referiu:

"Linguagem plástica de visualista. Ritmo, colorido. Ausência de medidas, ora sínteses golpeantes ora valem de frases em sarabanda. Modernismo saudosista, nutrido de passado. Irreverência braço dado com lirismo. Nativismo de fundo e forma. Inquietação interior, um pé sempre no estribo do sonho"...



Xilogravura de Felix Mesech

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

(Este noticiário sobre o movimento cultural é também apresentado na página Literária dominical que o C.A.M mantém no Jornal "O Estado") REVISTAS:

COLEGIO - ano I nº 3-S. Paulo—Diretor-Roland Corbisier. Colaboração de Almeida Salles, Roland Corbisier, Sérgio Buarque de Holanda, Alcântara Silveira Maria José de Carvalho, Luis Amaral, Francisco Brasileiro, V. Paula Santos, José de Tavares, de Miranda, além de notas sobre música, teatro, cinema, artes plásticas, livros, etc.

CLA — ano II nº 7 — fevereiro 1949—Fortaleza—Ceará—Direção de Fran Martins—Secretaria de Aluisio Medeiros.

CRONOS—ano I nº 3e4—Rio—Direção de Adriano Cury. Cronos vem melhorando bastante de número para número. Tanto em colaboração como na apresentação da revista. Bons artigos, contos, poesias; boas secção de informações sobre o movimento cultural do Brasil, especialmente no referentes as publicações e movimentos dos novos. No número 4 queremos destacar ainda o artigo de redação sobre o congresso de revistas de Novos.

É uma idéia que merece todoo nosso apoio, apoio que não tem tido. Seria importantissimo um congresso assim. Todas as revistas de novos do Brasil deviam apoiar "CRONOS" nesta sua iniciativa.

VIAGEM—ano 10 nº 100 e 101—Lisboa—Portugal. Uma interessante revista essa que nos vem de Portugal Artigo de Fernando Campos sobre Garrett, artigo de Aquilino Ribeiro, além de notas, comentários, etc.

FOLHA LITERARIA—ano 1 nº 5,6e7—Cuiabá
ALMANAQUE DE SANTANA—para 1949—ano 9—Livramento.

SUPLEMENTO LITERARIO DA GAZETA DE ALAGOAS—27/3/49.

suplemento Literario contendo: critica de Silvio de Macedo e Gilberto Macedo, trechos do diario de Ramuz. Folclore de L. Lavemere Feliz Lima Jr. (Alcunha de Alagoas) Poesias de J. M. Fontes, Francisco Velis, Rita Palma e Geraldino Brasil.

ARTE JOVEM—ano 2 nº 3—Rio. Deste número destacamos: Introdução ao samba de Guerra Peixe, Enigma da musica de Correia Sá, artigo sobre o cinema de Paulo Franca. Notas, reproduções quadros, etc.

COREIO DAS ARTES—ano 1 nº 1 a 12—Suplemento Literario do Jornal "A União" João Pessoa—Paraíba—Orientação de Edson Regis. Um dos melhores suplementos—literarios aparecidos no Brasil.

Um suplemento que honra a Paraíba e os que fazem. Colaboração variada de escritores da Paraíba e do resto do Brasil; notas informações, etc. Ilustrações, reproduções de quadros.

AUTORES E LIVROS—ano 9 nº 6—direção e redação de Mucio Leão—Rio—Colaboração de escritores velhos e novos do Rio e dos estados.

KRITERION—nº 4—Revista da faculdade de Filosofia de Minas Gerais—Belo Horizonte. Uma revista, com ótimo material e muito bem feita.

REVISTA BRANCA—ano 1 nº 6—Número de aniversario—Rio—Direção: Saldanha Coelho.

BANDO—ano 1 nº 3,4 e 5—Natal—R. G. do Norte Colaboração regular de Nilo Pereira, Vingt—Un Rosas do, Helio Galvão, Luis do Ca mara Cascudo, Artur Ramos, R. Maranhão Ayres, M. Rodrigues de Mello, Moura Rabelo, Araujo filho, etc. Bando a par de boas colaborações traz outras mutio abaixo do nivel medio exigido por uma Revista de cultura.

O MANDARIM—ano 1 nº 13—Penapolis.

O HOMEM SOLITÁRIO

(Conclusão)

Tira o relógio de pulso, mira os ponteiros, depois a corrente, depois a marca deixada no pulso, coloca o relógio sobre a mesinha. Lembra-se de dar corda.

Dá. Coloca-o novamente no lugar.

Passos:

—Agora queres comer?

—Já disse que não.

—Mas precisas!

—Prá que?

—Prá combater a doença. Já nem remedio tomas Nunca vi ninguém mais teimoso.

—Não tenho fome; não aturo remédios.

—Mas é preciso fazer um esforço.

—Me deixa, por favor. Não quero fazer esse esforço. Quando precisar alguma coisa chamo.

—Vai-se esperando por isto.

A conversa decorre monotona, pesada. As palavras custam a sair, os dois se tateiam se òla fòsse embora, eu...

O plac plac dos chinelos ressoa dentro da cabeça dele. É òle o assoalho. Está tão encerado Tem vontade de. É. De. Porque não? Estão passando através dele, por dentro dele. Minha cabeça. minha cabeça, minha cabeça. Rebentar, vai rebentar.

É um martírio o maior martírio... martírio, o maior...o... mai...

A palavra, a fôrça de ser pronunciada, perde todo o significado. Não é mais nada, não forma sentido. Se esquece do que estava pensando. Não sente mais o cèrebro, a cabeça, nada. Febre. Delfro.

A paz, a paz do delírio què é a paz do esquecimento, que é a paz do nada no mundo das coisas objetivas. O mais é mera questão de luta no campo do inconciente. E òste òle não sente, pois sendo òle não é bem òle.

É uma luta travada nas sombras, nos batidores. É o homem, não um homem, mas o homem, a vida que luta contra a doença, a morte E mesmo que um homem, òle, submerja, desapareça, o homem ficará para prosseguir na luta. As vezes a vida e a morte parecem se definir, tomar forma propria. Mas é mera impressão, Elas estão unidas, entrelaçadas, pois uma é corolário da outra. E sempre viajam juntas, amigas que são, á espreitar para se traírem a qualquer descuido.

Agora, alí, òle, o quarto, tudo o que está dentro do quarto, formam uma entidade única, um ser único num trabalho repetido hà séculos, mas que para cada um que por òle passa, lhe parece o primeiro, pois o que nos acontece parece-nos tão extraordinário, tão particularmente nosso, que jugaríamos ser impossível, alguém o ter sentido antes, ter acontecido antes.

Outubro 1948

Boletim Bibliografico da AGIR—ano 1 nº 2—Rio—Com informações sobre as publicações programadas pela Agir.

NOVO MUNDO—nº 26 27 e 28—Guiratinga—Mato-Grosso.

ESFERA—nº 20 e 21—Rio—Direção de Sivia de Leon Charleo. Colaboram Jorge de Lima Jean Marcenal A. R. Almeida, Maura de Sena Pereira e outros. Ilustrações, reproduções de quadros notas completam a revista.

(Conclui em outro local)

RECEBEMOS E AGRADECEMOS (Conclusão)

PRESENÇA—nº 8 março de 1949—Recife—Pernambuco—Direção de Barros Lima, Hiberna Wanderley Jorge Medeiro, Uma boa revista sociologia, arte e Literatura, bem movimentada com bons artigos.

A PENA—ano 2 nº 24 —Porto Alegre —Diretor: Angilo Andrezza. Contem um bom artigo de M. Santos sobre a vanguarda do cinema.

MEIA PATACA—ano 2 nº 2—Cataguazes—Minas Gerais—Direção de: Francisco Inacio Peixoto Filho, Lima Tamega Peixoto, Francisco Cabral e Luciano Peixoto Garcia Meia Pataca que é inegavelmente uma das nossas boas revistas de novos. que mantem um alto clima poetico, com colaboração bem escolhida onde é de se destacar os trabalhos poeticos de Lina Tamega Peixoto, apresenta-se neste seu segundo número ainda melhorada tanto na parte de apresentação como na de materia. Alem dos trabalhos da Lina complementam o número colaboração de Alphonus Guimarães Filho, Renaldo Dias, Fred Pinheiro, Antonio Frag^e, Francisco M. Cabral, Rosario Fusco, Ody Fraga e Silva, Salim Miguel, Inacio Peixoto, Carvalho Filho e Manuel Pinto. Reproduções de quadro e ilustrações de José Maria e mais notas e informações formam o número dois.

JORNAL DE LETRAS—ano 1 nº 1—Rio—1949 Julho—Direção de José Condé e João Condé. Mensario de Literatura e Arte. É mais uma publicação Literaria que congrega nomes feitos e novos num bem feito mensario de divulgação. Melhor do que dizer "mais um" porem seria dizer "um", pois é inegavelmente superior a todos os outros de que temos tido noticia. Bem feito, com materia variada e bem distrbuida, possuindo secções diversas sobre os mais diversos temas alem de uma pagina dos novos e outra da provincia, noticias literarias de todos os quadrante e variedades, etc. Neste primeiro número que possui os defeitos e virtudes inerentes a todas as publicações nos primeiros números, queremos destacar especialmente: Liberdade interior de Alvaro Lins, Fontes de Proust por Otacilio Alecrim O livro de julho (Retrato natural—Cecilia Meireles) por Carlos Drumond de Andrade, cartas aos Americanos de Jean Cocteau, A revolução impressionista por Mario Pedrosa, Descentralização de Sadanha Coelho, e ainda Noite uma novela de Maria Julieta Drumond de Andrade ilustrada por Santa Rosa. Jornal de Letras é uma publicação que veio completar uma lacuna das nossas letras. Estava faltando uma assim. Que viva são os nossos desejos.

LIVROS:

Historias, talvez... pequenos poemas em prosa de Guilherme de Almeida, edição da comp. Melhoramentos, São Paulo 1949.

Poète, sois toi même—poeme de José Holzner, 1949. Enviado pela A. I. C. de Guiratinga, Mato Grosso.

O Demonio e a Rosa—Peça em tres atos de Eduardo Campos.—Edições Glé Fortaleza—Ceará—1948. Enviado pelo autor.

Bola Preta—contos de A. J. Aves Motta Sob—distribuição da Editora Brasiliense Ltda.—S.Paulo—1949—enviado pelo autor.

Salambô romance de G. Flaubert. Otima edição deste famoso ramance bem apresentado e em boa tradução, segundo volume das obras completas que a "Edições Melhoramentos" vem apresentando. A tradução é de Aloisio Ferraz Pereira, com ilustrações de L. Specker. S. Paulo—1949.

Revistas.

LEITURA—nº 53—Diretor: José Barbosa Mello Número dedicado á Polonia Capa de Stanislaw Herstal. Colaboração de Barbosa Mello, Haroldo Bruno, Paulo Carvalho Neto, Yvonne Jean, Afonso Felix de Souza e outros; alem de notas; informações; comnetarios; ilustrações e um poema de Ciprian Norwid "O piano de Chopim", Rio.

CASA GUARACY

— DE —

BRAZ LIMONGI

Casimiras — Linhos — Ternos

Armarinhos — Modas em geral

Confecções infantís

Rua Trajano, 10 — Florianópolis

RELOJOARIA DIAMANTE AZUL

Trajano, 19 — Florianópolis

Um presente...

Com jóias de real valor.

Originalidade em jóias finas.

CASIMIRAS

DIRETAMENTE DAS

MELHORES FABRICAS

e vendidas pelos menores preços

CASA TRÊS IRMÃOS

Rua Felipe Schmidt, 22 — Florianópolis



Roupas feitas para senhoras e crianças

LIVRARIA ROSA

Qualquer livro...
(Romance, poesia, religião, técnico)
de qualquer editora...
(nacional ou estrangeira)
ser-lhe-á fornecido
(por Reembolso Postal, si quizer)

Rua Deodoro, 33 Florianópolis

COMP. IND. FETT LTDA.

INDUSTRIAIS E EXPORTADORES

P I N H O

Bruto — Beneficiado — Caixaria
Escritório: Rua 24 de Maio, 24 — Caixa Postal, 16
FLORIANÓPOLIS

Reserve desde já e adquira seu exemplar dos
"Cadernos Sul" — Idade 21 — poemas de Walmor Cardoso
da Silva. Auxilie o movimento editorial dos novos de
Santa Catarina. Peça seu volume ao Círculo de Arte Mo-
derna, caixa postal 384 — Florianópolis — Santa Catarina —
Brasil

C A S A V I T O R

Especialista em calçados para homens, senhoras e
crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUÉCAS

ETC.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia

Rua Felipe Schmidt, 3 Florianópolis

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. Vidal Ramos, 73

FLORIANÓPOLIS SANTA CATARINA

I. J. ATHERINO & CIA.

R. Jerônimo Coelho, 2 — Fpolis. — S. C.

Armazem de Gêneros Alimentícios

Artigos de primeira qualidade

Atacadista e Varejista

O ÚNICO

FLORISBELO

ALFAIATE

Florianópolis

VITOR DA LUZ FONTES

ENGENHEIRO CIVIL

PROJETOS — CÁLCULOS — CONSTRUÇÕES
TOPOGRAFIA — URBANISMO

Rua Trajano, 14 — 2º andar

FLORIANÓPOLIS

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS
DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: Rua João Pinto 16, sob.
Residência: Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

LIVRARIA MODERNA

DE

PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de escritório.
em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8
FLORIANÓPOLIS

DR. GUERREIRO DA FONSECA

ESPECIALISTA

Do Hospital de Caridade e do Centro de Saúde
Cuidados — Nariz — Garganta — Tratamento e
Operações

Residência: Felipe Schmidt, 99 — Tel. 1650
Consultório: Visconde de Ouro Preto, 2 - Das 2 as 5
Pela manhã das 7,30 às 9 horas no Hospital

FLORIANÓPOLIS

CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência:

Consultório:

R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16

Fone M. 732

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

A COMPANHIA TELEFÔNICA CATARINENSE

está instalando, neste momento, os telefones auto-
máticos em Itajaí, Canoinhas, São Francisco e Lajes.

SUL

SUMÁRIO

NOTURNO DENTRO DE MIM MESMA	Eglê Malheiros
TEATRO EXPERIMENTAL EM NEW YORK	Richard M. Morse
CAMUS	Hamilton V. Ferreira
DOIS POEMAS	Walmor Cardoso da Silva
CANTO EM SURDINA	Antônio Paladino
O TEATRO EXPERIMENTAL DO C. A. M.	Sálvio de Oliveira
ACELERAÇÃO	Reinaldo Moura
VELHICE	Sálvio de Oliveira
EM TÔRNO DO VELHO RELÓGIO	Archibaldo Cabral Neves
A NUVEM QUE SE DESVANECE	Ody Fraga e Silva
"IDADE 21" E A INFLAÇÃO POÉTICA	Salim Miguel
O HOMEM E A DESFIGURAÇÃO	Fernando Jorge Uchôa
O HOMEM SOLITÁRIO	Salim Miguel
IMPULSO E NECESSIDADE NA LITERATURA	Sílvio de Macedo
ANOITECER	Antônio da Silva Filho

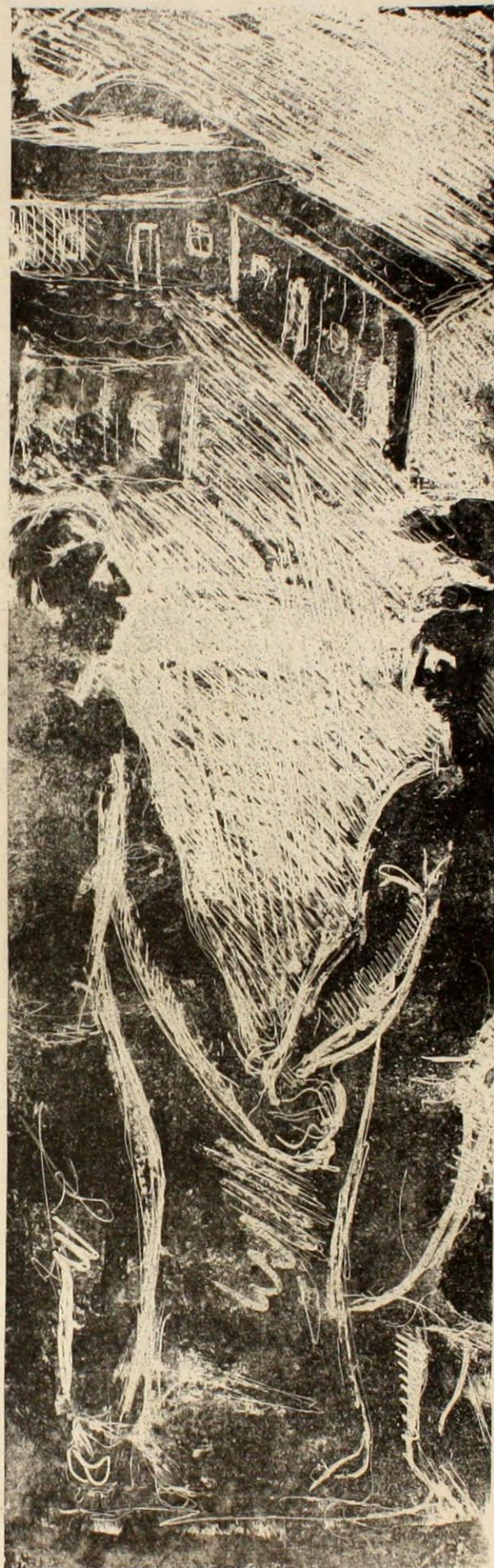


Ilustração de MOACIR FERNANDES para uma
peça de Ody Fraga e Silva

